

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

***“Les Serments de Strasbourg”:*  
importância histórica e filológica na  
consolidação do francês**

**ANA CRISTINA BEZERRIL CARDOSO**

**João Pessoa – PB**

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ANA CRISTINA BEZERRIL CARDOSO**

***“Les Serments de Strasbourg”:***  
**importância histórica e filológica na**  
**consolidação do francês**

**Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de  
Linguagem e Ensino, do Programa de Pós-  
Graduação em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior**

Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa – 2007

ANA CRISTINA BEZERRIL CARDOSO

***“Les Serments de Strasbourg”:***  
**importância histórica e filológica na consolidação do francês**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de Linguagem e Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

PROF. DR. JUVINO ALVES MAIA JÚNIOR  
Professor orientador  
UFPB

---

PROF. DR. MILTON MARQUES JÚNIOR  
1º examinador  
UFPB

---

PROF. DR. HENRIQUE GRACIANO MURACHCO  
2º examinador  
USP

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. LUCIANA CALADO  
Suplente  
UFPB

João Pessoa, agosto de 2007.

## **AGRADECIMENTOS**

---

A minha filha Béatrix, aos meus pais, a minha tia Vilma e a Emmanuel, pelo apoio familiar e afetivo e, sobretudo, pela paciência que tiveram comigo durante todo o período de realização deste trabalho de pesquisa;

A Juvino Alves Maia Júnior, professor e orientador, por acreditar na minha capacidade de pesquisa e também pela atenção e generosidade com que sempre me tratou;

À professora e amiga, Maria de Guadalupe Melo Coutinho, pela gentileza e boa vontade dispensadas à leitura deste trabalho;

A todos os amigos, colegas e professores que, de maneira formal ou informal, ajudaram na construção deste trabalho.

*Après les Serments de Strasbourg,  
et seulement après,  
le français existe.*  
(Bernard Cerquiglini)

## RESUMO

---

Os Juramentos de Estrasburgo, considerado o primeiro documento da língua francesa, são o *leitmotiv* deste trabalho. Eles estão dentro da obra do século IX , *Histoire des fils de Louis, le Pieux*, do historiador Nithardo. Esse livro foi escrito todo em latim, exceto o trecho dos Juramentos que está em língua românica (proto-francês) e em língua alemã. Nossa pesquisa analisa o trecho romano dos Juramentos e objetiva compreender o porquê de esse registro ter sido realizado nessa língua e não em latim como era o costume da época. Com esse intuito, fazemos um estudo filológico do texto em questão, assim como construímos um panorama histórico dos elementos formadores da língua francesa. Afora o estudo evolutivo (sincrônico e diacrônico) do documento apresentamos alguns fatos importantes para o desenvolvimento e para a defesa da divulgação da língua francesa. Ademais, avaliamos a situação atual dese idioma, sua importância lingüística e política. Terminamos nossa pesquisa apresentando a francofonia, movimento que vai além da identidade lingüística da comunidade francófona.

**Palavras-chave:** Juramentos de Estrasburgo – Língua românica – Francofonia

## RESUMÉ

---

Les Serments de Strasbourg, considérés comme premier document de la langue française, sont le *leitmotiv* de ce travail. Ils se trouvent dans l'œuvre du IX<sup>ème</sup> siècle, "Histoire des fils de Louis le Pieux", de l'historien Nitharde. Ce livre a été presque entièrement écrit en latin à l'exception de la partie des Serments qui est en langue romane (proto-français) et en langue allemande. Notre recherche analyse la partie romane de ce document et a comme objectif de comprendre le pourquoi de cet enregistrement fait en roman et non pas en latin comme il était d'usage à l'époque. Dans ce dessein nous faisons une étude philologique du texte, ainsi qu'un panorama historique des éléments formateurs de la langue française. Au-delà de l'étude évolutive des vocables du document, nous présentons quelques faits importants pour le développement et pour la défense de la langue française. En outre, nous évaluons la situation actuelle du français, son importance linguistique et politique. Nous concluons notre recherche en présentant la francophonie, mouvement qui va au-delà de l'identité linguistique de la communauté francophone.

**Mots-clé:** Serments de Strasbourg – Langue romane – Francophonie



## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 <i>O nascimento da língua francesa</i></b> .....	10
1.1 A Gália .....	12
1.2 As invasões germânicas (a partir do século IV).....	15
1.3 Carlos Magno e os Juramentos de Estrasburgo .....	18
<b>2 <i>Estudo filológico</i></b> .....	28
2.1 Etapas da língua francesa .....	28
2.2 A assembléia de Estrasburgo .....	33
2.3 Estudo dos vocábulos .....	39
2.3.1 O juramento de Luís, o Germânico .....	39
2.3.2 O juramento dos soldados .....	46
2.4 Considerações gerais sobre a análise dos Juramentos de Estrasburgo .....	47
2.4.1 Ortografia .....	47
2.4.2 Morfossintaxe .....	48
2.5 Algumas conclusões .....	50
<b>3 <i>Da França para o mundo</i></b> .....	51
3.1 Momentos importantes para a língua francesa.....	51
3.2 A franconia .....	54
<b>CONCLUSÃO</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62

## INTRODUÇÃO

---

### *L' invitation au voyage...*

Iremos realizar neste trabalho uma viagem ao longo da história da língua francesa. Apesar de o “nascimento” do francês datar do século IX, nossa viagem começará bem antes para podermos compreender como tudo aconteceu e só terminará no século XXI. Faremos uma viagem de doze séculos.

O desejo de conhecer a origem da língua que ensinamos foi o que nos motivou a realizar este trabalho. Quanto mais o tempo passa, quanto mais experiência e conhecimento gramatical e lingüístico adquirimos, mais necessidade sentimos de voltar às origens. Como compreender o estado presente da língua sem compreender sua formação, seu começo?

Nosso objeto de pesquisa são os Juramentos de Estrasburgo, um documento curto, mas de extrema importância para a consolidação do francês, visto que foi a partir dele que a língua francesa passou a existir “oficialmente” como tal. Os Juramentos de Estrasburgo datam do século IX, e são considerados o primeiro documento da língua francesa. Eles estão registrados dentro da obra, *Histoire des fils de Louis, le Pieux*, do historiador Nithardo. Esse livro foi escrito todo em latim salvo o trecho dos Juramentos de Estrasburgo que está em proto-francês e em alemão. Objetivamos compreender o porquê de esse registro ter sido realizado nessa língua e não em latim, como era o costume da época.

Para apresentarmos nossa pesquisa e nossas reflexões, dividimos esta dissertação em três seções.

A primeira seção nos dá uma visão histórica, geográfica e política do território onde se deu o nascimento do francês, ou seja, o atual território da França. Esta seção por sua vez, está subdividida em três partes: a primeira trata da Gália; a segunda das invasões germânicas a partir de século IV, e a terceira de Carlos Magno e dos Juramentos de Estrasburgo.

A segunda seção apresenta, mais detalhadamente, o objeto do presente trabalho um estudo filológico do documento. No entanto, antes desse estudo, apresentamos as etapas pelas quais passou a língua francesa. Em seguida, mergulhamos no trecho da obra onde se encontram os Juramentos e só então partimos para a análise propriamente dita do documento. Em primeiro lugar, fazemos um estudo evolutivo dos vocábulos que constituem o Juramento de Luís, o Germânico; em segundo lugar, analisamos o Juramento dos soldados e em terceiro

e último lugar, tecemos considerações gerais sobre a estrutura ortográfica e morfossintática do documento.

Na terceira seção, após o estudo do nosso objeto de pesquisa, mostramos um pouco do caminho percorrido pela língua francesa; momentos importantes para a sua evolução, para defesa. E, para terminar e concluir nosso trabalho, apresentamos a franconia; movimento surgido nos anos 60 que possui hoje em dia 55 Estados membros e governos participantes, e 13 membros observadores. A francofonia constitui, na realidade, mais que uma simples comunidade lingüística, embora a língua francesa continue sendo seu denominador comum, ela veicula em todo o mundo valores universais como a fraternidade, a tolerância, o humanismo e o respeito à identidade cultural de cada país.

## 1 O nascimento da língua francesa

---

*« Une langue est un organisme vivant qui naît, se développe et se transforme. Elle dépend du caractère intellectuel du peuple qui la parle, de son tempérament physique, des conditions géographiques du pays et surtout des circonstances historiques. »*<sup>1</sup>

Georges Hacquard

No início era o latim. Com o passar do tempo diversas modificações foram ocorrendo na língua latina. Embora não fossem duas línguas distintas, mas dois aspectos de uma mesma língua, surgiu o que se convencionou nomear *sermo urbanus* (latim clássico) e *sermo vulgaris* (latim vulgar).

Cícero já observara esses dois aspectos do latim numa carta a um amigo<sup>2</sup>:

*Verumtamen quid tibi ego videor in epistulis? nonne plebeio sermone agere tecum? nec enim semper eodem modo; quid enim simile habet epistula aut iudicio aut concioni? quin ipsa iudicia non solemus omnia tractare uno modo: privatas causas, et eas tenues, agimus subtilius, capitibus aut famae scilicet ornatius; epistulas vero quotidianis verbis texere solemus*<sup>3</sup>.

(Cícero Epistulae ad Familiares XXI apud <http://www.thelatinlibrary.com>)

O *sermo urbanus*, como o próprio Cícero diz, era a língua aprimorada, utilizada nos discursos e outros escritos, em que havia zelo no vocabulário, no estilo e na gramática. Era

---

<sup>1</sup> “Uma língua é um organismo vivo, que nasce, se desenvolve e se transforma. Ela depende do caráter intelectual do povo que a fala, da sua constituição física, das condições geográficas do país e sobretudo das circunstâncias históricas”.

Nesta dissertação todas as traduções, do francês para o português, são de nossa responsabilidade, salvo as dos Juramentos.

<sup>2</sup> Nesta dissertação, todas as traduções, do latim para o português, foram realizadas pelo Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior.

<sup>3</sup> Contudo, para ti eu pareço o quê nas cartas? Não é verdade que pareço usar contigo a língua vulgar? E nem sempre do mesmo modo? Que tem de semelhante a epístula ao tribunal ou à assembléia? Além disso não costumamos tratar de um só modo os próprios julgamentos como um todo: as causas privadas e as da plebe; aquelas conduzimos com mais rigor de raciocínio, essas evidentemente com mais ornamento de fama. Na verdade, costumamos tecer as epístulas com palavras cotidianas.

uma língua escrita, língua dos doutos, artificial e rígida, sem mobilidade, razão pela qual permaneceu tanto tempo estável.

O *sermo vulgaris* era inicialmente a língua falada pelas classes inferiores, tendo sido adotada, pouco a pouco, por todo o Império Romano. Estima-se em 800 anos a duração do latim vulgar, que se definiu no século II, antes de Cristo. Esse latim era a língua falada cotidianamente, instrumento de comunicação diária de todas as classes, como soldados, marinheiros, artífices, agricultores e artistas. Era, por assim dizer, a soma dos falares da sociedade romana e, como língua dos militares, acompanhou-os, conseqüentemente, em todas as suas conquistas. Adotada por povos tão diversos, sofreu influências e influenciou os falares e as culturas por onde chegou o Império Romano.

Ora, o latim vulgar que continuava sendo a língua falada pelos romanos nas terras dominadas, paulatinamente foi se fundindo às línguas dos dominados. Transformou-se e sofreu transformações. Vários elementos agiram nessas modificações lingüísticas, tais como o clima, a extensão territorial, o momento em que se deu a conquista, os povos dominados e, principalmente, o tempo em que a região permaneceu sob dominação romana. Foi, pois, dessas influências recíprocas, que nasceram as línguas neolatinas. Entre elas as mais divulgadas são: o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno.

Como afirma Perret (2003, p.32) a língua mãe do francês é o latim, mas um latim familiar já bastante diferente da língua clássica. Esse latim, além do seu desgaste natural, sofreu influências por duas vezes com o fenômeno do bilingüismo. Em um dado momento, a língua latina foi influenciada pelo gaulês e, em um outro, por línguas germânicas. As particularidades do francês são, por conseqüência, o resultado dessas línguas em contato.

## 1.1 A Gália



Figura 1.

Gália independente por volta do século I a.C.

Disponível em: <<http://jfbradu.free/celtes/sixiemes/gaule-avant2>>. Acesso em: 16 out. 2006.

A Gália foi uma das regiões onde o latim se fundiu com a língua local. Localizada aproximadamente onde hoje se situa a França e, limitada pelos Pirineus ao Sul, pelos Alpes ao Sudeste, pelo Atlântico ao Oeste e ao Norte, pela Bélgica também ao Norte e pelo Reno ao Leste, a Gália foi uma das partes da Europa invadida e dominada pelos romanos. Antes de os latinos chegarem, a região já estava ocupada. Inicialmente pelos lígures, pelos ibéricos, celtas e pelos aquitanos. Sua ocupação pelos gauleses aconteceu sucessivamente, entre 700 e 500 anos antes de Cristo. Vindos da Europa Central, esses povos de origem germânica ocuparam dois terços da Europa. Por volta do século VII a.C., o deslocamento e a movimentação dos gauleses no território francês foram consideráveis. Eles tentaram invadir a Aquitânia no Sudoeste, mas devido à resistência do povo local, não conseguiram permanecer na região e

rumaram em direção ao Norte e ao Oeste. Não puderam dominar o Sul porque a região já era domínio romano cerca de 100 anos antes, como podemos ver na figura 1. Apesar disso, mesmo com a região de Narbona já pertencendo aos romanos, os gauleses ainda atacaram Roma no ano de 388 a.C.

Embora de origem comum, os gauleses eram divididos em inúmeras colônias e viviam freqüentemente em guerra uns contra os outros. Apesar das desavenças e das diferenças, possuíam um aspecto unificador que era a religião, razão pela qual reuniam-se anualmente para celebração de seus deuses. Para os gauleses, seus sacerdotes, os druidas, gozavam de grande influência política acumulando, inclusive, as funções de juiz e educador. Eram eles, então, os responsáveis pela manutenção dos costumes e da tradição celtas as quais recusavam transmitir por escrito; a transmissão era oral como afirma Walter (1988, p.37-38): “*Si nous connaissons mal le gaulois, c’est en particulier parce qu’il a laissé peu de témoignages écrits: les druides, gardiens de la religion, se refusaient à transmettre leur savoir par écrit*”.<sup>4</sup>

Segundo Perret (2003, p.22-26), apesar de se conhecer pouco da língua gaulesa, pois não há muitos documentos escritos, sabe-se que falavam vários dialetos do substrato de uma língua celta inicial. Com exceção do basco, há poucas marcas desses dialetos nos dias atuais. Esses traços são encontrados principalmente na toponímia e em termos rurais. Considera-se que foi devido a um substrato gaulês que houve a passagem do /u/ latino [u] para o /u/ do francês atual [y]. No entanto, o autor observa também que essa possível influência é contestada por ter ocorrido tardiamente. Outra mudança fonológica que teria acontecido devido à influência gaulesa seria a palatização de algumas consoantes e a manutenção do *s* final. Além dessas considerações de ordem fonética, também se vê o sistema numérico vigesimal como mais um traço deixado pelos celtas na cultura francesa.

Como os gauleses não possuíam alfabeto próprio, utilizavam o dos gregos ou o dos romanos. Na atual região da França, alguns poucos testemunhos lingüísticos foram encontrados em objetos votivos e em três peças em metal de maior vulto: os “chumbos” do Larzac (Sudoeste); de Chamalières (Sudeste); e de Lezoux (Centro-Sul). Ademais, foi também encontrado um grande calendário em Coligny (Sudeste).

Devido às disputas internas, os povos gauleses terminaram se enfraquecendo. Aproveitando essa diminuição de força, em 58 a.C., o general Júlio César, no comando das tropas romanas, atacou com um exército disciplinado e potente, e em cinco anos já havia

---

<sup>4</sup> Se nós conhecemos mal o gaulês, isso acontece particularmente porque ele deixou poucos testemunhos escritos: os druidas guardiões da religião se recusavam a transmitir seus conhecimentos por escrito.

tomado posse de mais da metade da Gália. Sem apresentar quase nenhuma resistência, os povoados gauleses foram paulatinamente sendo invadidos.

Nos seus “Comentários sobre a guerra da Gália”, Júlio César faz relatos interessantes sobre os povos e a língua dos invadidos. Primeiro, observa que o gaulês não é a única língua falada na Gália e, segundo, que os termos “gaulês” e “celta” designam o mesmo povo.

*BELLVM GALLICVM – LIBER PRIMVS*

*I. Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum língua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes língua, institutis, legibus inter se differunt.*<sup>5</sup> (WALTER, 1988, p.36)

Em 52 a.C., seis anos depois dessa invasão, Vercingetórix, chefe gaulês da Auvérnia, vendo seu povo sucumbir à dominação romana e desejando acabar com a situação, reuniu todo o povo gaulês para lutar contra os invasores. Embora tenha conseguido vencer a primeira batalha, a de Gergóvia, entre maio e junho de 52 a.C., foi impossível vencer a segunda, a famosa batalha de Alésia, entre agosto e setembro do mesmo ano. Vercingetórix se rendeu e este feito marcou a passagem definitiva da Gália para o domínio romano.

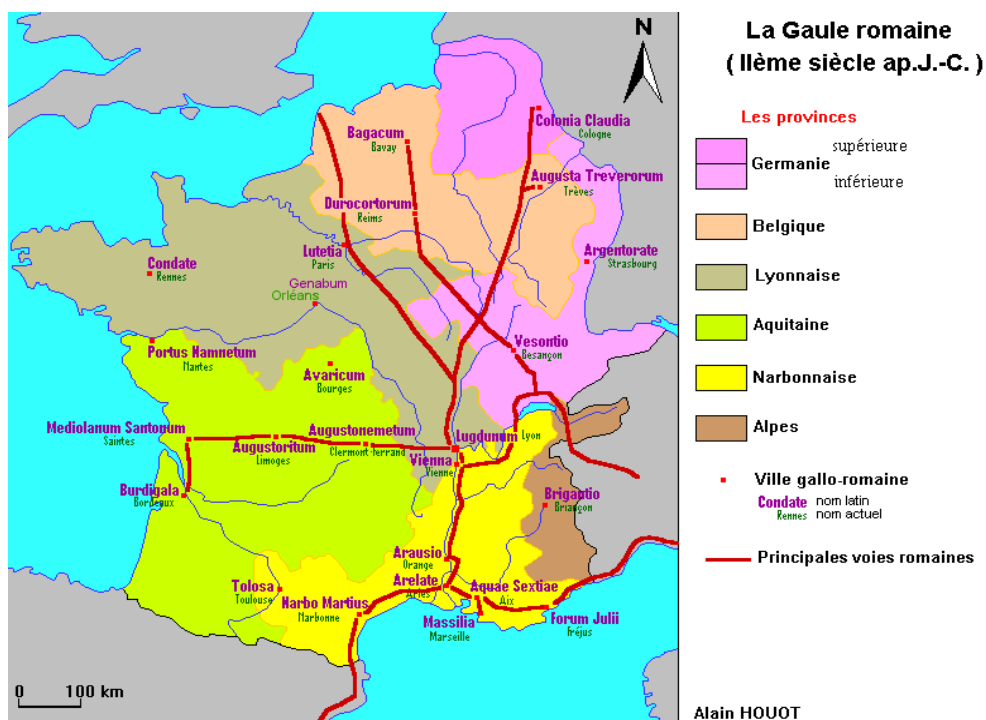


Figura 2.

Gália depois das conquistas romanas por volta do século II d.C.

<sup>5</sup> Guerra das Gálias – livro primeiro. O território da Gália é dividido em três partes: uma é habitada pelos belgas, a outra pelos aquitanos e a terceira por aqueles que, na sua própria língua se auto-denominam celtas, e na nossa, gauleses. Todos eles se diferenciam uns dos outros pela língua, pelas instituições e pelas leis.



Disponível em: <<http://jfbgradu.free/celtes/sixiemes/gaulvies-romaines>>. Acesso em: 14 out. 2006.

Depois de conquistada por Júlio César, a Gália viveu um longo período de paz, já que, a partir daquele momento, os gauleses não tinham mais o direito de lutar entre si. Como se pode observar na figura 2, com as conquistas romanas o território gaulês foi consideravelmente ampliado. Os romanos, porém, pouco mudaram da estrutura social e do governo gauleses. Todavia, não se pode dizer o mesmo em relação à cultura romana, que foi totalmente assimilada. Sob a autoridade de governadores romanos, os vencidos conservaram seus chefes, mas foram obrigados a pagar impostos e a fornecer soldados. O povo permaneceu nas suas terras, uma vez que os romanos eram pouco numerosos e preferiam se instalar nas cidades. A partir de então, os dois povos unidos passaram a constituir o que se convencionou chamar “civilização galo-romana” - verdadeira mistura das duas culturas.

A influência romana se fazia notar em vários setores, desde as roupas à língua, às casas luxuosas. Os gauleses mais abastados foram aos poucos adotando os usos e costumes refinados dos romanos, chegando também a financiar belas construções nas cidades como, por exemplo, a construção de templos, teatros, monumentos, aquedutos, banhos públicos e fontes. No campo, a vida quase não sofreu mudanças. A influência romana foi pouquíssima. É bom lembrar, entretanto, que uma importante mudança aconteceu na agricultura, com a introdução da cultura da uva e de árvores frutíferas. Ademais, não se pode esquecer a construção das estradas romanas que permitiram o fácil deslocamento dos soldados e asseguraram a paz no país.

Mas nem tudo pôde ser assimilado pelos gauleses, já que a grande discórdia entre os dois povos foi a religião. Os druidas nunca aceitaram os deuses romanos, fato que provocou a perseguição dos sacerdotes gauleses e, em seguida, o seu desaparecimento. Nesse momento uma nova religião se disseminava pelo mundo, o Cristianismo, trazida do Oriente pelos comerciantes. Apesar de ser rejeitada pelos romanos, que perseguiam e matavam os cristãos, a nova religião acabou se instalando.

## **1.2 As invasões germânicas (a partir do século IV)**

Do século I até o século IV, a paz reinou na Gália. Depois de tão longo período de tranqüilidade, a região foi devastada durante aproximadamente 100 anos, por invasões,

ataques e massacres. Os povos invasores vinham sobretudo do norte da Europa, região da atual Alemanha. A civilização galo-romana chegara ao fim.

Vários povos tentaram invadir a Gália. Os germanos foram um deles. Estes, embora, nunca conseguissem se instalar realmente no território galo-romano, pois sempre eram expulsos, acabaram, aos poucos, exaurindo as defesas romanas; enfim, em 406, um grupo vindo da Hungria tomou de assalto a Gália, dominando-a quase totalmente. Restaram apenas sob o poderio romano as cidades protegidas por muralhas, os famosos *remparts*. Por volta de 450, os hunos, povo nômade da Ásia chefiados por Átila, invadiram a região. A força deles era tanta que provocou a fuga dos outros povos germanos. Átila aterrorizou a todos por onde passou, praticamente sem encontrar resistência. Porém, em 451, dois exércitos, um galo-romano e outro germânico, decidiram se unir para expulsá-los. Átila foi finalmente derrotado em Chalons-sur-Marne, na região da atual Champanhe.

Derrotados os hunos, a Gália, terra de ninguém, foi sendo paulatinamente invadida por outros povos germânicos, dentre os quais estavam os francos. Eles eram pouco numerosos e viviam divididos em bandos sem grande poderio, mas, apesar disso, àquela época, já haviam dominado o Norte (hoje a Bélgica e a Holanda). Em 481, Clóvis foi eleito rei de uma das tribos e, sob a sua liderança, a vida e a importância político-social dos francos começaram a mudar. O novo rei, um adolescente de 16 anos, hábil, esperto e cruel, conseguiu em pouco tempo conquistar um grande território, como podemos ver na figura 3, logo adiante. Ambicioso, mandava assassinar até mesmo os outros reis francos para tornar-se único. Devido a esse comportamento, quase toda a Gália ficou sob seu poder e, por volta de 509, ele derrotou os últimos exércitos romanos, promovendo, assim, a unificação de todos os francos.

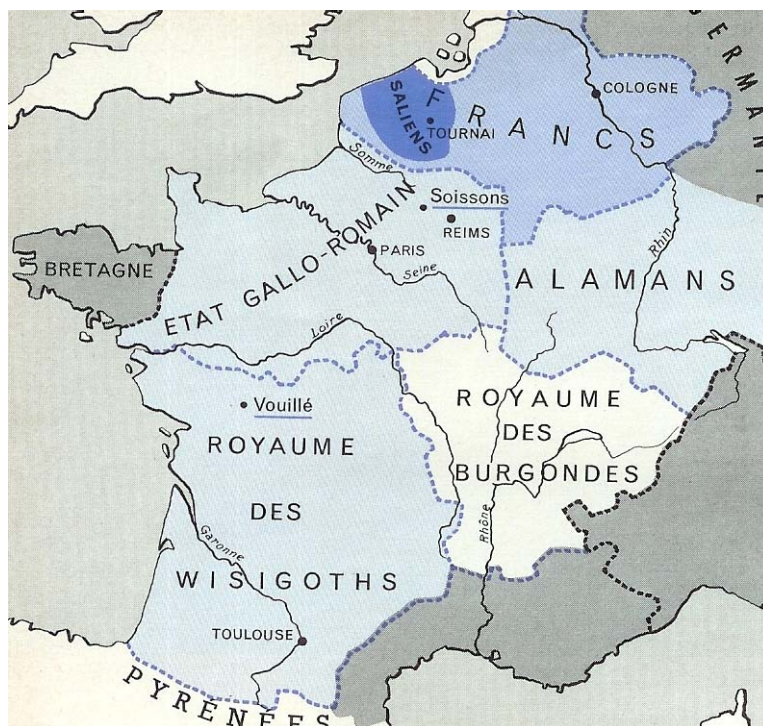


Figura 3.

As conquistas de Clóvis – século VI d.C.

(GRIMAL, 1960, p.10).

O cristianismo, nova religião vinda do Oriente, foi, à época galo-romana, bastante perseguido, mas, apesar de tudo, conseguiu se instalar rapidamente na Gália. Durante o tempo das invasões, o número de adeptos da nova religião só aumentou. No ano de 496, Clóvis, então rei dos francos, percebendo a força desse movimento religioso e sob a influência de sua mulher, Clotilde, que já havia se tornado católica, decidiu se converter ao catolicismo. Junto com ele alguns milhares de guerreiros francos também se tornaram cristãos. A conversão do rei foi um fato importante para a difusão do cristianismo e, conseqüentemente, do latim, “que tinha sido adotado como língua litúrgica oficial no século IV” (WALTER, 1988, p.49). Clóvis tornou-se, assim, protetor e protegido dos líderes religiosos, que, por sua vez, faziam com que toda a população cristã obedecesse ao rei. Ele foi o primeiro rei católico da França, e sua morte, em 511, consolidou a dinastia merovíngia, que deve seu nome a Meroveu,<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Há dúvidas quanto à verdadeira existência do rei franco saliano Meroveu. Segundo a Enciclopédia Britânica (<http://www.britannica.com>), ele teria vivido de 411 a 458, embora não haja registros contemporâneos sobre ele e poucas sejam as informações a seu respeito nas histórias posteriores dos francos. Encontramos também, no mesmo texto enciclopédico, possíveis explicações sobre o nome desse rei. Uma delas entende que “-Mero/Mer” seria uma alusão ao mar, do latim *mare* + “-wig/weg/véus” referência a “viajante”, “rota, caminho” ou “transporte, veículo” (em alemão: *weg*; em latim: *via*). Quanto ao termo saliano, este viria de sal, uma lembrança do lar dos francos pré-migração, isto é, as praias do mar do Norte.

lendário rei fundador da dinastia dos reis francos sálicos. Em 561, cinquenta anos após a morte de Clóvis, a dinastia merovíngia começou a perder sua força, e o reino, a se decompor. As terras francas foram divididas em Nêustria, Austrásia e Borgonha. Os merovíngios, descendentes de Clóvis, reinaram ainda cerca de 200 anos aproximadamente, até meados do século VIII. Em cada reino franco havia a figura do Mordomo ou Prefeito do Palácio, um funcionário que representava o rei no palácio real. Na realidade eles eram os governantes *de facto* do reino.

Em meados do século VIII, o esfacelamento do poder merovíngio facilitou a consolidação real da importância do mordomo do palácio. Numa batalha em Poitiers, por volta de 732, o reino franco, ameaçado por uma invasão de Árabes muçulmanos vindos da Espanha, foi salvo graças ao mordomo do palácio, Carlos Martel. Uns 20 anos depois, em 751, seu filho, Pepino, o Moço, tornou-se rei com consentimento papal, iniciando nesse momento uma nova dinastia, a dos pippinidas (ou pepinidas) que pouco tempo depois seria nomeada carolíngia, quando Carlos Magno chegou ao poder.

### **1.3 Carlos Magno e os Juramentos de Estrasburgo**

Com a morte de Pepino, o Moço, em 768, o reino foi dividido entre seus filhos Carlomano e Carlos Magno. Em 771, Carlomano faleceu e Carlos Magno assumiu o poder de um reino franco unificado. Nessa época, a Gália desapareceu e nasceu a Francia.

Grande conquistador, Carlos Magno tomou a Itália dos lombardos, combateu contra os muçulmanos na Península Ibérica e conquistou a Saxônia. Cristão fervoroso, guerreou levando sempre consigo o cristianismo aos povos conquistados. No ano de 800, em Roma, foi coroado imperador pelo Papa vindo a falecer em 814.

Além da expansão do cristianismo, Carlos Magno criou escolas e promoveu a renascença carolíngia, uma tentativa de revalorização das letras greco-latinas que haviam perdido valor durante todo o período das invasões germânicas, época em que os dialetos germânicos logicamente predominavam. Os merovíngios, descendentes de Clóvis, assim como os próprios carolíngios, eram povos de língua germânica, *teudisca lingua*. Segundo Renée Balibar (*apud* PERRET, 2003, p.34), existia, à época de Carlos Magno uma grande diferença de *status* entre as línguas germânicas, “línguas dos senhores”, que gozavam de grande consideração, e o falar dos povos romanos: “falar dos servos e dos vencidos” e “jargão agrícola”.

Foi justamente graças à renascença carolíngia, com a retomada dos estudos de textos em latim clássico, que surgiu a consciência de que a língua falada pelo povo havia sofrido tantas modificações que já não podia ser mais reconhecida como latim, conforme se pode ratificar pelas palavras de Perret (2003, p.35):

*Avec Charlemagne, qui rétablit l'Empire d'Occident, une influence civilisatrice et la renaissance des lettres latines furent paradoxalement à l'origine de l'apparition d'une nouvelle langue écrite, qui deviendra le français. Charlemagne reconstitua un empire d'Occident qui comportait le territoire de la France (à l'exception de la presqu'île bretonne), celui de l'Allemagne et une grande partie de celui de l'Italie (un peu plus bas que Rome), vaste espace qu'il administrait et gouvernait efficacement: il tentait aussi de redonner à ses peuples la civilisation qu'ils avaient perdue.<sup>7</sup>*

Ainda se pode verificar uma reforma na organização educacional da época, instaurada pelo monge Alcuíno, segundo também se pode confirmar na passagem a seguir (Idem, ibidem, loc.cit):

*Il fit venir d'Angleterre (York) le moine Alcuin pour mettre en place un enseignement en latin pour les moines qui n'arrivaient plus à comprendre le texte de la Vulgate (nom donné à la traduction de la Bible en latin par saint Jérôme, vers 400). Sur son conseil, l'empereur mit en place un enseignement à trois niveaux.. Au niveau supérieur, l'école palatine d'Aix-la-Chapelle formait les élites intellectuelles; au niveau intermédiaire, des écoles épiscopales ou monastiques, dont l'abbaye Saint-Martin-de-Tours, dirigée par Alcuin, formaient les adolescents. Dans les campagnes, une initiation des enfants au calcul et à la grammaire aurait dû être faite par les curés, mais cet enseignement de premier niveau ne put s'établir durablement. C'est alors que les nouveaux lettrés, qui avaient réappris le latin classique, commencèrent à se moquer des barbarismes du latin mérovingien de leurs prédécesseurs. Mais, tandis que la langue simplifiée, pleine de termes populaires des scribes mérovingiens, était encore accessible au peuple, les lettrés carolingiens prirent conscience que la langue parlée avait tellement évolué qu'il était maintenant impossible de faire comprendre un texte de vrai latin à qui ne l'avait pas étudié”(PERRET, 2003, p.35)<sup>8</sup>.*

---

<sup>7</sup> Uma influência civilizadora e o renascimento das letras latinas, provocados por Carlos Magno, que restabeleceu o Império do Ocidente, foram paradoxalmente a origem do aparecimento de uma nova língua escrita que viria a ser o francês. Carlos Magno reconstituiu um Império do Ocidente reunindo o território da França (com exceção da quase ilha bretã), o da Alemanha e uma grande parte do território da Itália (um pouco mais abaixo de Roma), vasto espaço que ele administrava e governava com eficácia: ele tentava também dar novamente a esses povos a civilização que eles haviam perdido.

<sup>8</sup> Ele trouxe da Inglaterra (York) o monge Alcuin para implantar um ensino de latim para os monges que não conseguiam mais compreender o texto da Vulgata (nome dado à tradução da bíblia em latim por São Jerônimo, por volta do ano 400). Sob seu conselho, o Imperador instaurou um ensino em três níveis. O nível superior da

Como ressalta e explica Perret, por volta do ano 800, o latim do norte da Gália, isto é, da Francia, já possuía características bastante particulares e não se confundia mais com o verdadeiro latim. Tanto é assim que, em 813, os bispos, reunidos em Concílio na cidade de Tours, decidiram que os padres deveriam fazer seus sermões na língua materna do povo, “*in rusticam romanam linguam*”, ou seja, em língua tedesca. Na realidade, esta data marca o primeiro reconhecimento oficial da língua romana que viria, posteriormente, a ser o francês propriamente dito. Contudo, o que era considerado assunto importante e sério como história, filosofia e teologia era escrito em latim.

Segundo Wright (*apud* PERRET, 2003, p.35), teria ocorrido uma reforma na pronúncia do latim durante o período carolíngio e esse fato teria favorecido a própria crise da língua latina. Melhor dizendo, a pronúncia do latim escrito, que se apoiava nos falares da época e de cada região, com a reforma carolíngia, deveria tornar-se homogênea, posto que era a língua oficial do Império. O latim deveria então ser lido pronunciando-se todas as letras, o que evidentemente não foi possível e o tornou incompreensível para o povo. “En voulant éduquer les foules, on avait recrée une élite” (WALTER, 1988, p.67).<sup>9</sup>

Essa língua romana falada no século IX, que provém do latim e de outras línguas indo-européias, como o gaulês e o frâncico, já nessa época, havia sofrido tantas modificações que seria impossível não lhe conceder o *status* de língua independente do latim, diferentemente do italiano ou o espanhol, por exemplo, que ainda estavam bem próximos da língua latina.

Como observa Perret (2003, p.37), não houve descontinuidade entre o latim falado por Júlio César e a língua falada na Francia do século X. O que houve, com efeito, foram mudanças resultantes de influências recíprocas entre a língua do invasor romano e os vários dialetos existentes na Gália, desde a invasão de César até a época de Carlos Magno. Foi o retorno às origens que evidenciou a existência de duas línguas: o latim - língua oficial -, e uma língua materna - a língua romana.

Durante a Idade Média, essa *romana lingua* abrigava grande variedade de dialetos; no final do século XII, pode-se, no entanto, perceber um uso comum entre eles no momento em

---

escola palatina de Aix-la-Chapelle formava as elites intelectuais; o nível intermediário, das escolas episcopais ou monásticas, entre elas a abadia de Saint-Martin-de-Tours dirigida por Alcuino formavam os adolescentes. No campo, uma iniciação das crianças ao cálculo e à gramática, teria sido realizada pelos padres, mas esse ensino de primeiro nível não pôde se estabelecer de forma duradoura. Foi então que os novos letrados, que tinham reaprendido o latim clássico, começaram a zombar dos barbarismos do latim merovíngio de seus predecessores. Mas, enquanto que a língua simplificada repleta de termos populares dos escribas merovíngios ainda era acessível ao povo, os letrados carolíngios tomaram consciência de que a língua falada havia evoluído tanto, que era impossível, naquele momento, fazer compreender um texto em verdadeiro latim a quem não o tinha estudado.

<sup>9</sup> Desejando educar a massa, havíamos recriado uma elite.

que surge a chamada *langue d'oïl* no Norte do território, a *langue d'oc* no Sul e ainda dialetos franco-provençais na região de Lyon, Genebra e Grenoble (WALTER, 1988, p.52). Essa língua vulgar não obedecia à regra alguma, assim continuando até o século XVI quando foi normatizada.

Os primeiros escritos que atestam a existência dessa língua romana, desse proto-francês, são vocabulários. Tritten, na sua *Histoire de la langue française* (1999, p.15), afirma que, desde os séculos VII e VIII, se escreveu em proto-francês, à época *roman primitif*; todavia, devido a tantas guerras e percalços, poucas foram as provas que chegaram aos dias atuais. Os testemunhos mais antigos da existência de uma língua romana escrita são na realidade os glossários, dentre os quais o mais famoso é o Glossário de Reichenau, do final do século VIII e início do século IX, que traduz em língua romana aproximadamente 1.300 termos latinos difíceis da Vulgata de São Jerônimo, a versão latina da Bíblia. Não se trata de um texto e sim de um léxico. Do mesmo gênero são as Glossas de Kassel, as Glossas de Paris, o *Vocabularius optimus*, entre outras.

Sem desmerecer os glossários, é, porém, em 14 de fevereiro de 842<sup>10</sup> que começa oficialmente a história da língua francesa com os Juramentos de Estrasburgo. Desse famoso texto existem duas cópias apócrifas conservadas na Biblioteca Nacional da França. A mais antiga<sup>11</sup> é do final do século IX (Vide fac-símile, figura 4) e a outra é uma cópia<sup>12</sup> incompleta da precedente feita no século XV (HAGÈGE, 1996, p.19). Considerado a certidão de nascimento do que viria a ser o francês, esse documento foi escrito em língua romana e em língua tedesca, ou seja, alemã.

Os Juramentos de Estrasburgo são o marco que consolidou a existência de uma língua francesa. Trata-se de um documento “curto mas precioso”, como bem assinala Vasconcelos nas suas *Lições de filologia portuguesa* (s.d., p.208).

Segundo Walter (1993, p.12-13 apud <http://www.restena.lu>), durante a Idade Média (século V- X) só se escrevia em latim, língua oficial da Igreja e do poder. Os Juramentos de Estrasburgo são o testemunho oficial da importância conferida às línguas vulgares ao reproduzir essas línguas por escrito. A autora reconhece a pouca espontaneidade do juramento como também sua forma ritual; no entanto afirma que nem por isso a língua vulgar deixa de revelar uma situação geolingüística nova que aparece no momento da divisão do Império de

---

<sup>10</sup> Em todos os livros que pesquisamos, a data oficial dos Juramentos de Estrasburgo é o dia 14 de fevereiro do ano de 842, ou seja, a data correspondente no calendário atual ao 16º dia das calendas de março do calendário romano, aquele adotado por Nithardo.

<sup>11</sup> Manuscrito latino n° 9768 do cadastro da Biblioteca Nacional da França.

<sup>12</sup> Arquivos latinos n° 14663 do cadastro da Biblioteca Nacional da França.

Carlos Magno. Um bloco romano e um bloco germânico tomaram consciência coletiva de suas diferenças. Esse sinal de relativa heterogeneidade cultural estava prestes a transformar-se em clivagem política. *Les Serments de Strasbourg sont le symptôme d'une fracture géopolitique et géolinguistique dans l'Europe du IX<sup>e</sup> siècle*<sup>13</sup> (idem).

Esse fato histórico chegou até os tempos atuais graças ao historiador Nithardo, outro neto de Carlos Magno. Sua obra *Histoire des fils de Louis le Pieux*<sup>14</sup> foi toda escrita em latim, salvo o trecho dos Juramentos de Estrasburgo, que foi transcrito nas línguas em que foram pronunciados, ou seja, língua romana e língua alemã. O documento é um texto jurídico de apenas algumas linhas, que não somente tem importância para a história da língua francesa, visto que contém numerosos indícios da evolução da língua, como também possui grande valor histórico-político para a França, já que estabeleceu a primeira unidade do país como nação.

Michel Zink comenta no seu livro *Littérature française du Moyen Âge* (1992, p.26), que os Juramentos de Estrasburgo não pertencem de forma alguma à literatura, mas nem por isso deixam de merecer atenção:

*non seulement parce qu'ils constituent le premier monument de la langue française, mais encore parce qu'ils invitent à réfléchir sur leur nature de texte. Prêter serment en langue vulgaire est une chose. Reproduire ce serment sous la forme d'un texte en langue vulgaire à l'intérieur d'un ouvrage à caractère historico-politique, en latin bien entendu, comme le fait Nithard, en est une autre.*<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Os Juramentos de Estrasburgo são o sintoma de uma fratura geopolítica e geolinguística na Europa do século IX.

<sup>14</sup> Adotaremos a edição da coleção *Les Classiques de l'Histoire de France au Moyen Age*, Paris, Librairie ancienne Honoré Champion, editor, 1926, páginas 101 à 109 (apud <http://www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg>).

<sup>15</sup> Não somente porque eles constituem o primeiro monumento da língua francesa, mas também porque eles são um convite à reflexão sobre sua própria natureza como texto. Fazer juramento em língua vulgar é uma coisa. Reproduzir esse juramento sob a forma de um texto em língua vulgar no interior de uma obra com caráter histórico-político, em latim claro, como o fez Nitardo, é outra coisa.



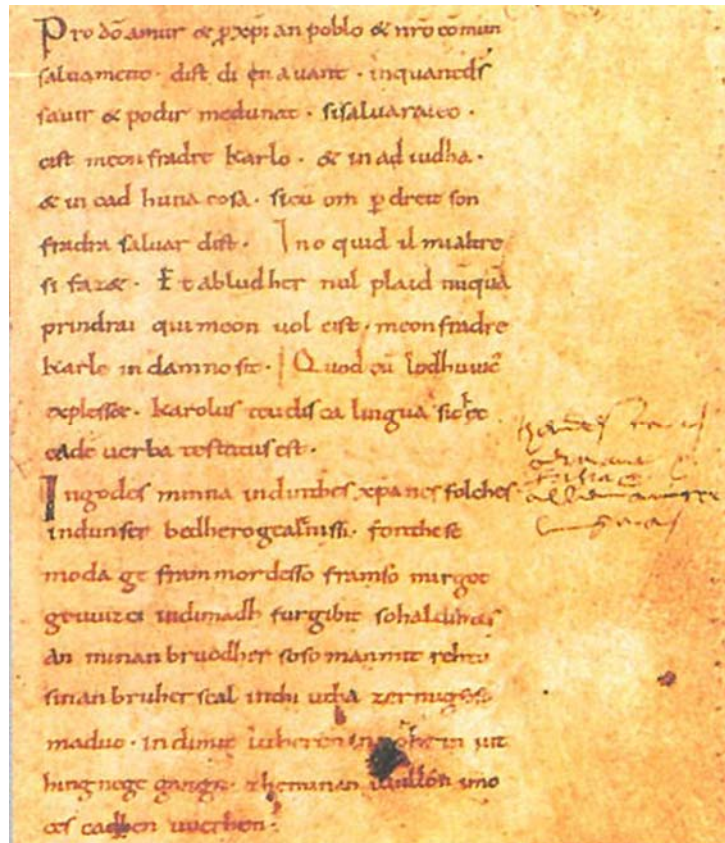


Figura 4.

Fac-símile do manuscrito dos Juramentos de Estrasburgo do final do século IX da Biblioteca Nacional da França.

(TRITTER, 1999, capa).

Segundo Houaiss (2001, p.1693) o elemento latino de composição **jur-**, originalmente, deve ter tido sentido de “fórmula religiosa”, daí o emprego do plural *jurā*, “o que diz a fórmula da justiça”. *Jūs orāre, jūs jūrāre* significa ‘pronunciar a fórmula sacra que engaja’. O verbo jurar deriva do latim *jurō* que quer dizer: pronunciar a fórmula ritual dos juramentos. Fazer um juramento é, por conseguinte, assumir um compromisso solene e sagrado. Essa promessa ou afirmação é pronunciada geralmente em público e pode ter caráter pessoal ou recíproco.

O ato de jurar tem como condição *sine qua non* a boa-fé. O caráter sagrado do juramento está bem explícito no termo francês que designa juramento, ou seja, *serment* que vem do latim *sacramentum*, de *sacrare*, tornar sagrado. O primeiro registro escrito desse vocábulo na língua francesa data justamente de 842, ano dos Juramentos de Estrasburgo (LAROUSSE, 1993 p. 1727).

Na Teogonia (HESÍODO, 1944, p. 60-1, v. 775-808) encontramos a explicação mitológica da origem do grande juramento dos deuses. Para honrar e recompensar Estige,

filha mais velha de Oceano e Tétis, pelo auxílio que esta lhe prestou, Zeus a transformou no *hórkos*, o grande juramento dos deuses. Quando qualquer um dos imortais queria se unir através de um juramento solene, Zeus enviava a mensageira Íris para trazer num jarro uma porção da água do Estige, que corria fria de um alto e abrupto rochedo. A água era o próprio *hórkos* dos deuses e possuía potência divina carregada de malefícios para aqueles que não cumpriam o juramento. O perjúrio era uma falta muito grave que era punida terrivelmente pelos deuses. Benveniste (1985, p. 176) comenta que o castigo pelo perjúrio não era um assunto humano. Segundo ele, “nenhum código indo-europeu antigo prevê sanções para o perjúrio”. O perjúrio era um delito contra os deuses, logo, supunha-se que o castigo viesse deles. O ato de se comprometer com um juramento era “sempre se expor de antemão à vingança divina, visto que se implora aos deuses que ‘vejam’ ou ‘ouçam’, que estejam, em todo caso, presentes ao ato de comprometimento” (BENVENISTE, 1985, p. 176).

Outro exemplo do valor sagrado do juramento e do poder que o jurar possuía na cultura grega está na *Ilíada* de Homero. No canto III é feito um juramento e no canto IV esse juramento é quebrado. A quebra do juramento traz uma condenação à morte para todos aqueles que violaram o pacto sacrossanto.

Canto 3 :Anúncio do juramento feito por Heitor:

“Ora, guerreiros Troianos, grevados Acaios, vos digo / o que vos manda propor Alexandre, fator desta guerra:/ Pedo que todos os homens Aqueus e Troianos deponham / as belas armas na terra, nutriz de infinitos guerreiros, /para que possa no meio do campo lutar com o discípulo / de Ares, o herói Menelau, por Helena e suas riquezas. / O que provar que é mais forte, vencendo o adversário na luta, / leve consigo os tesouros e a casa conduza consorte. / Com juramento firmemos nós outros a paz duradoura”. (HOMERO, 2005, p.106, v. 86-94)

Canto 4: Idomeneu diz a Agamémnone:

“Filho de Atreu, Agamémnone, fiel companheiro hei de ser-te, / tal como sempre me viste e de acordo com o meu juramento. / Trata, porém, de despertar os demais combatentes Aquivos, / para que logo comece a batalha, uma vez que as sagradas / juras os Teucros violaram. A Morte a eles todos espera, / por terem sido os primeiros a os pactos violar sacrossantos”. (HOMERO, 2005, p.125, v. 266-71)

O caráter sacro no ato de jurar permaneceu no século IX e pode ser constatado através dos Juramentos de Estrasburgo de 842. Fazer um juramento significava prometer a Deus. Ao transcrever os Juramentos nas línguas em que foram pronunciados, Nithardo reproduziu *ipsis verbis* as promessas feitas pelos netos de Carlos Magno. A escolha do historiador pela manutenção das línguas originais dos Juramentos dentro do seu livro todo em latim teria como possíveis explicações: primeiro, as línguas faladas eram as línguas vulgares e, para serem compreendidos, os Juramentos tiveram que ser ditos em língua romana e tedesca; segundo, o desejo de o autor manter-se fiel aos acontecimentos.

Para melhor entender a situação histórica em que foram proclamados os Juramentos de Estrasburgo, retornaremos ao ano de 814, ano em que Carlos Magno faleceu depois de coroar seu único filho varão sobrevivente, *Ludovicus Pius* ou Luís I, o Piedoso. Segundo Hagège (1996, p.13) Luís I já teria resolvido a sua sucessão desde 817, 23 anos antes da sua morte. Ele teria legado aos seus filhos Lotário, Pepino e Luís II, do seu primeiro casamento com Ermengarda, o governo de um reino dividido. Pepino e Luís II seriam subordinados a Lotário, que seria o imperador depois da morte do progenitor. Porém, esse projeto de sucessão não foi realizado porque, em 838, Pepino faleceu antes mesmo do seu pai. Luís I ficara viúvo em 818, e contraíra segundas núpcias em 819 com Judite da Baviera. Desse segundo matrimônio nasceu Carlos, o Calvo. Assim sendo, em 840, quando da morte de Luís I, o Piedoso, cada um de seus filhos vivos lutou pela conquista do Império Carolíngio (Vide figura 5).

#### Família de Carlos Magno

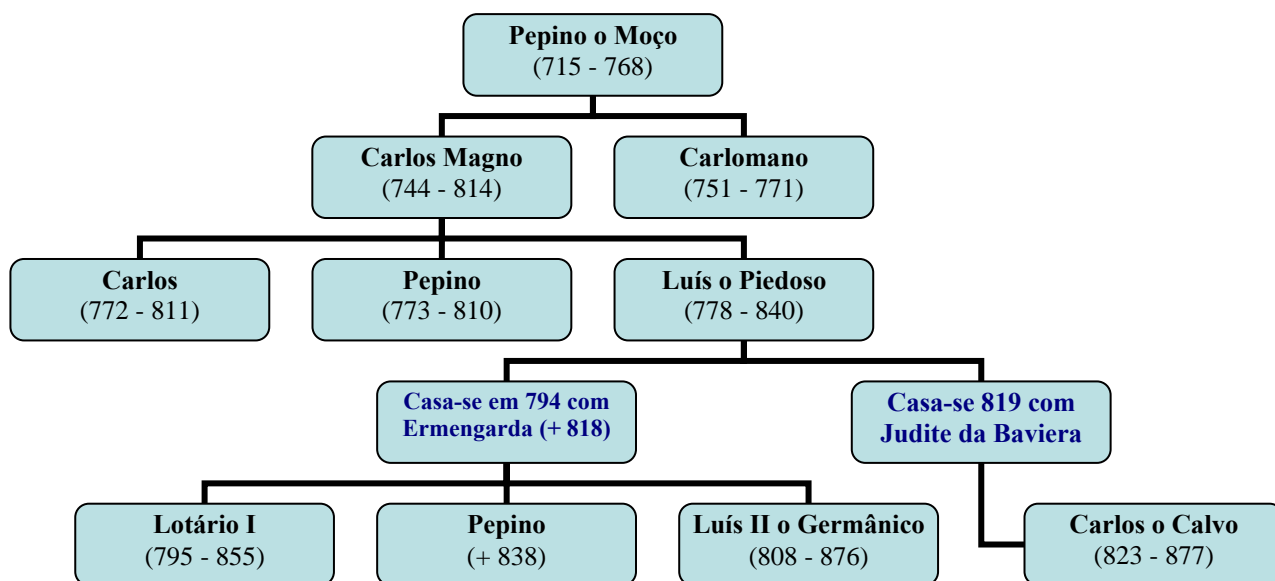


Figura 5.

Árvore genealógica da família de Carlos Magno.

Depois de muitas discórdias, Carlos, o Calvo, e Luís II, o Germânico, filhos de Luís I, o Piedoso, decidiram se juntar para selar aliança contra Lotário, o irmão mais velho. Eles assinaram um tratado em latim como de costume e, em seguida, fizeram um juramento. Os Juramentos de Estrasburgo foram pronunciados em proto-francês e em língua tedesca pelos dois monarcas. Cada um jurou na língua do outro, ou seja, Carlos, o Calvo, em língua alemã e

Luís, o Germânico, em língua romana, a fim de que todos compreendessem. Já os soldados juraram fidelidade nas suas próprias línguas. Como comenta Hagège (1996, p. 16), a fronteira lingüística entre uma zona ocidental de língua romana e uma zona oriental de língua germânica já havia sido fixada entre os séculos IV e VI, momento da romanização dos francos ocidentais. A única unidade lingüística entre essas duas partes do antigo império de Carlos Magno era feita pelo latim, mas tratava-se, contudo, de um código escrito adotado pela Igreja e pela administração, e não de uma língua falada pelo povo.

Os Juramentos de Estrasburgo são, em resumo, o pacto em que Carlos, o Calvo, Luís II, o Germânico e seus respectivos soldados, juraram ajuda e fidelidade mútuas contra Lotário.

Foi através dos Juramentos de Estrasburgo de 14 de fevereiro de 842 que Carlos, o Calvo, e Luís, o Germânico, pressionaram Lotário e conseguiram a divisão do Império. A querela entre os três irmãos só foi realmente resolvida um ano mais tarde, em 843, com o Tratado de Verdun que dividiu o Império em três partes, como se pode ver na figura 6. Carlos, o Calvo, ficou com a França ocidental; Luís, o Germânico, com a França oriental; e Lotário, que detinha o título de Imperador, com o centro da Itália indo até a Frísia. Na realidade, o Império deixado por Luis I, o Piedoso, já estava de uma certa maneira esfacelado, pois faltava aos povos que o compunham, três elementos essenciais para a unificação; interesse, cultura e língua comuns.

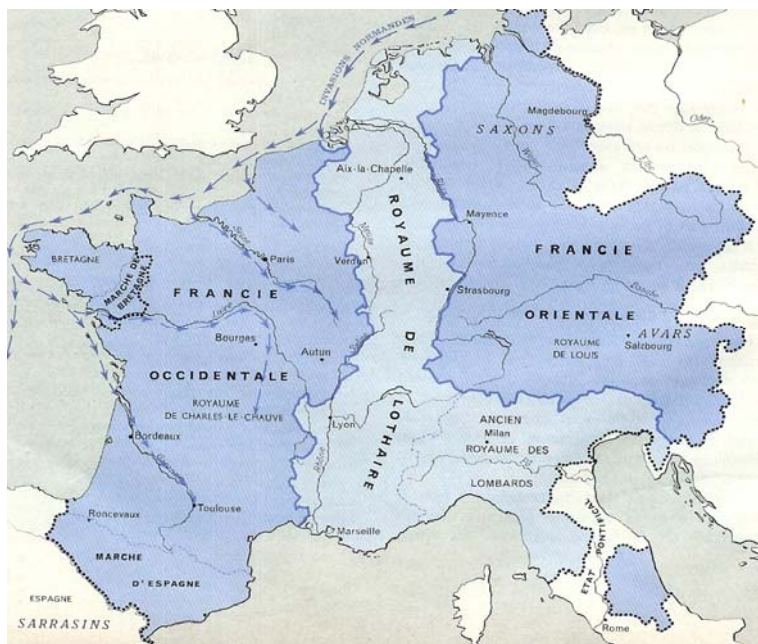


Figura 6.

A divisão do Império Carolíngio depois do Tratado de Verdun.

(GRIMAL, 1960, p.14).

O território que constituiria a França atual alcançou uma verdadeira unidade com o Tratado de Verdun, visto que, até então, só tinha sido dividido em pequenos reinos gauleses ou então tinha feito parte do Império romano, do Império franco e do Império germânico.

Pode-se afirmar, então, que os Juramentos de Estrasburgo de 14 de fevereiro de 842 são, sem sombra de dúvidas, considerados um monumento, o primeiro, da língua francesa. A grande importância do documento é confirmada pelo enorme interesse e a vasta bibliografia que tem suscitado desde muito tempo. Seria tarefa hercúlea citar todos os estudos já realizados sobre o tema. No entanto, não se pode deixar de lembrar a tese de Tabachovitz *Étude sur la langue de la version française des Serments de Strasbourg* (TABACHOVITZ, 1936), os artigos de Castellani, *Le problème des Serments de Strasbourg* (CASTELLANI, 1956), de Hilty *Les Serments de Strasbourg* (Hilty, 1973), de Deloffre *A propos des serments de Strasbourg de 842: les origines de l'ordre des mots du français* (Deloffre,1980), de Droixhe *Les Serments de Strasbourg et les débuts de l'histoire du français* (Droixhe,1987), o livro de Balibar *L'institution du français. Essai sur le colinguisme des Carolingiens à la République* (Balibar, 1985), e o livro de Cerquiglini *La naissance du français* (Cerquiglini,1991).<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Embora não tenhamos tido acesso às obras citadas, elas são referendadas em Wagner (1995, p. 6), conforme consta nas referências.

## 2 Estudo filológico

---

« *Pro Deo amur et pro Christian poblo et nostro  
comun saluament...* »

Manuscrito de Nitardo

Embora nosso principal objetivo nesta seção seja a análise filológica do Juramento, não nos restringiremos somente a esse aspecto. Para começar, mostraremos um pouco da evolução da língua, dividindo sua história em quatro momentos<sup>17</sup>: língua romana ou proto-francês, francês antigo, francês médio e francês contemporâneo. Em seguida, veremos três versões integrais do Juramento, depois observaremos o trecho da obra de Nithardo no qual está o documento e, para terminar, realizaremos o estudo filológico do texto.

### 2.1 Etapas da língua francesa

Não restam dúvidas de que a história da língua francesa começa oficialmente com o texto românico dos Juramentos de Estrasburgo. Através desse documento, o francês nasceu para e pela expressão escrita. Desde o século IX, até os dias atuais, a língua de Victor Hugo, como qualquer língua em uso, não parou de se modificar.

A primeira etapa da língua francesa começou no século IX, quando era denominada língua romana. Nessa época, a língua falada já era bastante diferente do latim. Ao analisar alguns textos do período, como por exemplo, o texto dos Juramentos de Estrasburgo de 842, a Cantilena de Santa Eulália de 880 e o Sermão sobre Jonas redigido entre 938 e 952, Tritter (1999, p. 16-7) observa algumas claras diferenças entre o latim e a língua de então. Segundo o autor, do ponto de vista lexical, quase não houve mudanças, as palavras eram bem latinas. Quanto à fonética, as vogais finais praticamente não mais existiam. Não havia nenhuma

---

<sup>17</sup> Para fazer o corte histórico das etapas da língua francesa, tomamos com parâmetro a divisão realizada por Grevisse (1993, p. 11-4), acrescentando-lhe, contudo, um corte entre o século IX (língua romana) e o século XI (francês antigo). Para isto, nos fundamentamos na divisão histórica adotada no site oficial da Universidade Laval do Canadá, seção: *Histoire de la langue française* (<http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/francophonie/perioderomanestrasbourg.htm>).

diferença entre *fradra* e *fradre* por exemplo. A declinação latina clássica sofrera transformações e fora reduzida a apenas dois casos: o caso sujeito, para o sujeito e o atributo, continuando assim o nominativo latino, e o caso regime, para todos os complementos, continuando como o acusativo latino. O pronome indefinido *om* já estava em formação. Quanto à sintaxe, a ordem canônica francesa contemporânea sujeito/verbo/complemento já era bastante adotada, embora ainda fosse possível encontrar o verbo no final da frase como no latim clássico. Em algumas circunstâncias, o complemento era colocado no início da frase. Os determinantes possessivos, por sua vez, estavam sempre à esquerda do substantivo. Segundo Grévisse (1993, p. 11), os verbos apresentavam, frequentemente, radicais variáveis.

A segunda etapa do francês, ou francês antigo, iniciou-se aproximadamente no século XI e foi até a metade do século XIV. Nesse momento não havia homogeneidade sobre a língua falada no território francês; ao contrário, havia um grande número de patoás<sup>18</sup>. Costuma-se dividir o território em dois, quanto aos seus dialetos, como se pode ver na figura 7. Ao Norte, os dialetos pertenciam à *langue d'oïl* e ao Sul, à *langue d'oc*, assim chamadas devido à maneira como se pronunciava a palavra *oui*. Havia também uma zona intermediária, chamada por Walter (1988, p. 52) de francoprovençal. Nessa região que englobava Lyon, Genebra e Grenoble (vide figura 7), os traços da *langue d'oïl* et da *langue d'oc* se misturavam. Segundo Tritten (1999, p. 19), as principais diferenças entre os dois grupos dialetais estavam na consoante germânica /h/ bem mais marcada no Norte e nos diversos tratamentos dados aos ditongos. Quanto às consoantes surdas intervocálicas, houve uma evolução diferente entre o Norte e o Sul. Segundo Huchon (2002, p. 70) a *langue d'oc*, em relação ao latim, era bem mais conservadora do que a *langue d'oïl*, visto que recebera pouca influência germânica. Ademais, nos séculos XII, XIII e XIV, graças aos “troubadours”, a *langue d'oc*, tornou-se uma língua literária de prestígio pois era usada em obras de grande valor lingüístico.

---

<sup>18</sup> Patoá: dialeto essencialmente oral que difere da língua oficial e que é empregado numa área reduzida e bem determinada pela população do lugar (HOUAISS, 2001, p. 2149).

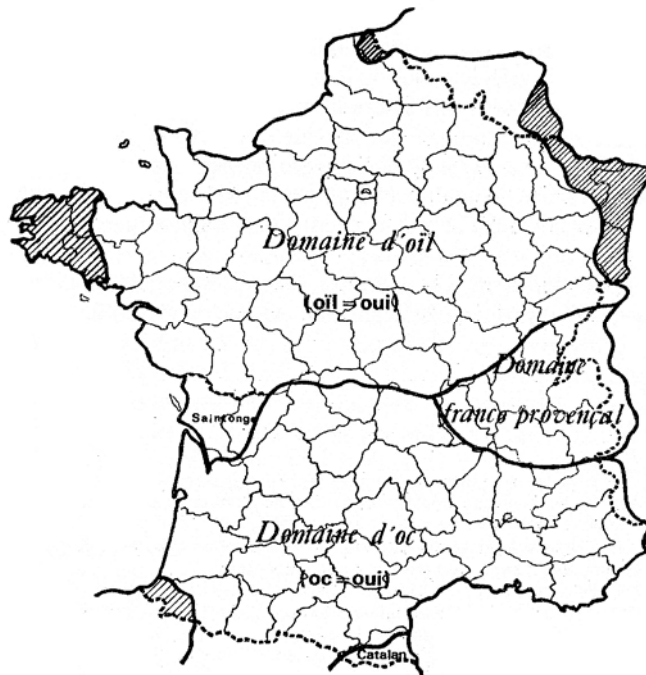


Figura 7.

As divisões dialetais românicas.

(WALTER, 1988, p.53).

A terceira etapa do francês, ou francês médio, durou da metade do século XIV até o fim do século XVI. Segundo Grévisse (1993, p.12-3), o desaparecimento da declinação, precisamente do caso sujeito, é o fenômeno mais característico dessa época. Esse fato estaria diretamente relacionado à perda da mobilidade das palavras na frase. O lugar natural do sujeito é, a partir desse momento, antes do verbo. A liberdade da ordem das palavras na frase deixou de existir, tornando a língua mais rija. Os radicais variáveis do francês antigo foram em sua grande maioria unificados, tanto nos nomes quanto nos verbos, nos possessivos e também nos numerais. O autor observa ainda outras transformações lingüísticas importantes, como, por exemplo, a obrigatoriedade do pronome pessoal, o uso do artigo, o aparecimento do artigo partitivo e o emudecimento do [ə] e das consoantes finais. A partir dessa época, mais precisamente no ano de 1539, o rei Francisco I tornou a língua francesa obrigatória nos atos administrativos e jurídicos, através da Ordenança de Villers-Cotterêts. A ordenança determinava ainda que a justiça eclesiástica devia se limitar às causas puramente religiosas e obrigava os padres de todas as paróquias a manter um registro de nascimentos, dando início ao estado civil.



A última etapa é a do francês contemporâneo<sup>19</sup>. A fundação da Academia Francesa em 1635 por Richelieu pode ser considerada como um dos marcos fundadores desse período. Em 1694, foi publicada a primeira edição do dicionário da Academia Francesa, precedida, porém, pela publicação do dicionário de Richelet, de 1680, e do dicionário de Furetière, de 1690. Essas publicações deram origem aos primeiros dicionários monolíngües do francês (HUCHON, 2002, p.186). Nesse momento havia uma preocupação quanto às normas para o bom uso da língua. A Gramática de Port-Royal foi o reflexo do desejo de codificação do francês. Nessa fase, a fonética e a morfologia não sofreram muitas mudanças, com exceção do som [wa] como nos vocábulos *roi*, *moi* e a substituição do **-l** molhado pelo yod e do **-r** enrolado pelo **-r** uvular.

O século XVIII foi um século de grande enriquecimento vocabular devido ao desenvolvimento das ciências e da influência dos países anglo-saxões. Ademais, as modificações institucionais provocadas pela Revolução Francesa trouxeram também um enriquecimento lexical para as instituições. A declaração dos Direitos do Homem (séc. XVIII) foi redigida em francês, “língua da liberdade, da igualdade e da fraternidade” (HAGÈGE, 1996, p. 79). A língua francesa deixou de ser a expressão do pensamento clássico do século XVII e passou a ser a língua da liberdade no século XVIII.

No entanto, é importante sublinhar que nem todos falavam essa língua; as camadas populares falavam patoá. Somente no século XIX ela se tornou língua da maioria, graças ao ensino do francês nas escolas. Esse século é marcado pelo desenvolvimento da lingüística e pelo aparecimento de grandes dicionários como o Littré e o Larousse.

Houve também o surgimento de uma proposta de mudança ortográfica da língua que não foi aceita (HUCHON, 2002, p.226). No século XX, a língua francesa é realmente a língua materna da maioria dos franceses e continua em plena transformação. Segundo Huchon (idem, p. 259) alguns tempos verbais estariam em regressão, como por exemplo, o passado simples e o imperfeito do subjuntivo, enquanto que o presente do subjuntivo não pára de ter seu uso ampliado, no texto escrito. Quanto à língua oral atual, ela possui algumas características particulares como a ausência da negação **ne** e o uso do **on** no lugar do **nous**.

Após esse breve histórico, veremos a seguir três versões integrais dos Juramentos. Primeiro teremos o texto original em língua romana ou proto-francês, pois ele é o ponto originário da língua francesa, além de ser o nosso objeto de pesquisa. Em seguida,

---

<sup>19</sup> Apesar de termos encontrado várias subdivisões da língua francesa entre os séculos XVII e XXI, adotaremos (como já foi dito anteriormente) o corte histórico realizado por Grévisse (1993, p.11-4), ou seja, o autor considera o francês contemporâneo a partir do século XVII.

mostraremos o texto em francês contemporâneo porque através dele poderemos refazer o caminho evolutivo da língua romana do século IX. E, para terminar, acreditamos ser importante vislumbrar uma versão do texto em português, uma vez que nosso trabalho é escrito na língua de Camões.

Do texto original, língua romana, transcrevemos o juramento do rei:

*“Pro deo amur et pro christian poblo et nostro commun saluament d'ist di in auant, in quant Deus sauir et podir me dunat, si saluarai eo cist meon fradre Karlo, et in aiudha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son frada saluar dift; in o quid il mi altresí fazet; et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai qui; meon uol cist meon fradre Karle in damno sit”.*(WAGNER, 1995, p. 10)

A seguir, do mesmo documento, o juramento dos soldados:

*“Si Lodhuuigs sacrament, que son fradre Karlo iurat conseruat, et Karlus, meos sendra, de suo part non l'ostanit, si io returnar non l'int pois, ne io ne neuls cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuuuig nun li iu er”.*(WAGNER, idem)

Respectivamente, transcrevemos os mesmos juramentos em francês contemporâneo e, logo depois em português (VASCONCELOS, s.d. 210-213) .

*“Pour l'amour de Dieu et pour peuple chrétien et notre commun<sup>20</sup> salut de ce jour en avant, autant que Dieu m'en donne l'intelligence et le pouvoir, je soutiendrai mon frère Charles ici présent, par mon aide et en chaque chose, ainsi qu'on doit par droit soutenir son frère, tout autant qu'il fera de même pour moi (ou então – pourvu qu'il fasse tout autant pour moi), et je ne prendrai jamais avec Lothaire aucun arrangement, qui de mon gré, soit au détriment de mon frère Charles, ici présent”.*

*“Si Louis tient le serment qu'il jure à son frère Charles, et si Charles mon seigneur de son côté le viole au cas où je ne l'en pourrais détourner ni moi ni personne que j'en puisse détourner je ne lui serai d'aucun secours contre Louis”.*

“Por amor de Deus e pelo povo cristão e nossa comum salvação, deste dia em diante, enquanto Deus me der saber e poder, assim salvarei eu este meu irmão Carlos(aqui presente) em sua ajuda e em todas as coisas assim como por direito a seu irmão ajudar deve e no que ele me faça outro tanto e com Lotário nunca em pleito algum entrarei que segundo a minha vontade, seja em prejuízo deste meu irmão Carlos”.

“Se Luís cumpre o juramento que jura a seu irmão Carlos e se Carlos, meu senhor da sua parte quebra o seu, se eu desviar non o posso disso, nem eu, nem ninguém que eu ende possa deter, não lhe serei eu de nenhuma ajuda contra Luís”.<sup>21</sup>

A visualização do texto integral do Juramento nas versões românica, francesa e portuguesa nos permite não somente confirmar a estreita proximidade dessas línguas, mas também constatar que alguns termos da língua romana são bem mais próximos do português atual do que do francês contemporâneo. Observemos os exemplos *di* e *dia*, *cadhuna cosa* e

---

<sup>20</sup> No livro de Carolina Michaelis de Vasconcelos (s.d. p.211) esta palavra está grafada com um só m, ou seja, “comum”, acreditamos que houve um erro da editora e colocamos, em nossa tradução do texto, a grafia correta.

<sup>21</sup> As traduções em português e em francês são de Vasconcelos (s.d. 211-13). No livro às vezes há duas ou três possibilidades de tradução para uma mesma palavra. Optamos por não transcrever aquelas que estavam entre parênteses.

cada uma coisa. No entanto, não abordaremos esse aspecto comparativo entre o português e a língua romana do século IX neste trabalho porque nosso objetivo se limita ao estudo da evolução da língua romana até o francês contemporâneo.

## 2.2 *A assembléia de Estrasburgo*

Situar e compreender o ambiente histórico-lingüístico no qual os Juramentos foram pronunciados é de suma importância. Por essa razão reproduziremos abaixo o trecho da obra de Nithardo onde estão os Juramentos. Ao lado da versão original latina<sup>22</sup> há uma versão em português. Conforme já exposto na nota de rodapé número 2, página 9, as traduções do latim para o português foram realizadas pelo Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior; nos extratos seguintes, em particular, quando se tratar das traduções do trecho dos Juramentos propriamente ditos, estes foram extraídos de Vasconcelos (s.d., p.211-13).

### Versão original

### Versão em português

<b>Ergo XVI kal marcii Lodhovicus et Karolus in civitate que olim Argentaria vocabatur, nunc autem Strazburg vulgo dicitur, convenerunt et sacramenta que subter notata sunt, Lodhovicus romana, Karolus vero teudisca lingua, juraverunt. Ac sic, ante sacramentum, circumfusam plebem alter teudisca, alter romana lingua, alloquuti sunt. Lodhovicus autem, quia major natu, prior exorsus sic coepit :</b>	Então, no 16º dia das calendas de março, Luís e Carlos se reuniram na cidade que outrora se chamava Argentaria, mas que hoje é comumente chamada de Estrasburgo, e fizeram, Luís em língua romana e Carlos em língua tedesca, os juramentos que são narrados abaixo. Mas antes de fazer juramento, eles discursaram um em língua tedesca, outro em língua romana, para o povo ao redor. Luís, porque era o mais velho, usou primeiro da palavra nesses termos:
--	--

<b>“Quotiens Lodharius me et hunc fratrem meum, post obitum patris nostri, insectando usque ad interneccionem delere conatus sit nostis. Cum autem nec</b>	“Vós sabeis quantas vezes Lotário se esforçou para aniquilar, depois da morte de nosso pai, a mim e a meu irmão aqui presente, até o extermínio. Já que nem o parentesco nem o
--	--

---

<sup>22</sup> Com o objetivo de distinguir melhor as duas versões, o texto original será grafado em negrito.

**fraternitas nec christianitas nec quodlibet ingenium, salva justicia, ut pax inter nos esset, adjuvare posset, tandem coacti rem ad iudicium omnipotentis Dei detulimus, ut suo nutu quid cuique deberetur contenti essemus. In quo nos, sicut nostis, per misericordiam Dei victores extitimus, is autem victus una cum suis quo valuit secessit. Hinc vero, fraterno amore correpti nec non et super populum christianum compassi, persequi atque delere illos noluimus, sed hactenus, sicut et antea, ut saltem deinde cuique sua justicia cederetur mandavimus.**

sentimento cristão nem qualquer que seja o engenho que houvesse poderia ajudar a manter a paz entre nós, respeitando a justiça, enfim forçados pela necessidade, nos entregamos ao julgamento de Deus onipotente, de modo a que ficássemos felizes com o que fosse devido a cada um com seu consentimento. Nisso, como sabeis, pela misericórdia de Deus fomos vitoriosos, e ele, vencido de uma vez, retirou-se com os seus, para o lugar onde prevalecem.

Mas em seguida, tomados pelo amor fraternal e para que não sofrêssemos além do povo cristão, nós não quisemos persegui-lo e aniquilá-los, mas até aqui, como também antes, mandamos dizer que ao menos depois disso a cada um fosse cedida sua justiça.

**At ille post haec non contentus iudicio divino, sed hostili manu iterum et me et hunc fratrem meum persequi non cessat, insuper et populum nostrum incendiis, rapinis cedibusque devastat. Quamobrem nunc, necessitate coacti, convenimus et, quoniam vos de nostra stabili fide ac firma fraternitate dubitare credimus, hoc sacramentum inter nos in conspectu vestro jurare decrevimus.**

Mas ele, depois disso, não contente com o juízo divino, não cessa de perseguir com hostilidade tanto a mim quanto a este meu irmão, aqui. Além disso, também devasta nosso povo com incêndios, pilhagens e massacres. Por isso, agora, obrigados pela necessidade, nos reunimos e, já que acreditamos que vós duvidais de nossa estável fidelidade e firme fraternidade, decidimos fazer este juramento entre nós, à vossa vista.

**Non qualibet iniqua cupiditate illecti hoc agimus, sed ut certiores, si Deus nobis vestro adjutorio quietem dederit, de communi profectu simus. Si autem, quod absit, sacramentum quod fratri meo juravero violare praesumpsero, a subditione mea necnon et a juramento quod mihi jurastis unumquemque vestrum absolvo”.**

Não fazemos isto, enlaçados a alguma iníqua cupidez, mas para que, se Deus, com vosso auxílio nos der tranqüilidade, tenhamos proveito em comum. Mas se – que seja afastado – eu primeiro ousar violar o juramento que fiz a meu irmão, libero qualquer um de vós de compromisso comigo e também de juramento que tiverdes feito a mim.

**Cumque Karolus haec eadem verba romana lingua perorasset, Lodhuvicus, quoniam maior natu erat, prior haec deinde se servaturum testatus est :**

E quando Carlos repetiu as mesmas declarações em língua romana, Luís, como o mais velho, foi o primeiro que prometeu cumprir o que se segue :

**“Pro Deo amur et pro christian poblo et nostro commun salvament, d'ist di in avant, in quant Deus savir et podir me dunat, si salvarai eo cist meon fadre Karlo et in aiudha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fadra salvar dift, in o quid il mi altresi fazet et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai, qui, meon vol, cist meon fadre Karle in damno sit”.**

“Por amor de Deus e pelo povo cristão e nossa comum salvação, deste dia em diante, enquanto Deus me der saber e poder, assim salvarei eu este meu irmão Carlos (aqui presente) em sua ajuda e em todas as coisas assim como por direito a seu irmão ajudar deve e no que ele me faça outro tanto e com Lotário nunca em pleito algum entrarei que, segundo a minha vontade, seja em prejuízo deste meu irmão Carlos”.

**Quod cum Ludhovicus explesset, Karolus** Como Luís terminou, Carlos repetiu o mesmo  
**teudisca ligua si hec eadem verba testatus** juramento em língua alemã<sup>23</sup>:  
**est:**

**“In Godes minna ind in thes christianes** “Por amor de Deus e pela salvação do povo  
**folches ind unser bedhero gehaltnissi, fon** cristão e nossa salvação a todos dois, a partir  
**thesemo dage frammordes, so fram so mir** deste dia em diante, enquanto Deus me der  
**Got geuuizci indi mahd furgibit, so haldih** saber e poder, eu socorrerei este meu irmão,  
**thesan minan brudher, soss man mit** como se deve segundo a equidade socorrer a  
**rehtu sinan bruher scal, in thiu thaz er mig** seu irmão, com a condição que ele faça o  
**so sama duo, indi mit Ludheren in** mesmo para mim, e eu não entrarei em  
**nohheiniu thing ne gegango, the, minan** nenhum acordo com Lotário que de minha  
**uillon, imo ce scadhen uerdhen”.** vontade possa lhe ser prejudicial.”

**Sacramentum autem quod utrorumque** E o juramento que o povo de um e de outro  
**populus, quique propria lingua, testatus** prestou, cada um em sua própria língua, em  
**est, romana lingua sic se habet:** língua romana assim se mantém:

**“Si Lodhuuigs sacrament que son fradre** “Se Luís cumpre o juramento que jura a seu  
**Karlo iurat conservat et Karlus, meos** irmão Carlos e se Carlos, meu senhor da sua  
**sendra, de suo part non l'ostanit, si io** parte quebra o seu, se eu não o posso desviar  
**returnar non l'int pois, ne io ne neuls cui eo** disso, nem eu, nem ninguém que eu disso  
**returnar int pois, in nulla aiudha contra** possa desviar, não lhe serei eu de nenhuma

---

<sup>23</sup> A tradução do trecho em alemão foi feita por nós através da tradução francesa de Ph. Lauer, bibliotecário do departamento dos manuscritos da Biblioteca Nacional da França que se encontra no livro "Nithard - Histoire des fils de Louis le Pieux" publicado sob a direção de Louis Halphen na coleção "Les Classiques de l'Histoire de France au Moyen Age", Paris, Librairie ancienne Honoré Champion, 1926.

**Lodhuuuig nun li iu er”.**

ajuda contra Luís”.

**Teudisca autem lingua:**

E em língua alemã:

**“Oba Karl then eid then er sinemo  
brudher Ludhuuuige gesuor geleistit, indi  
Ludhuuuig, min herro, then er imo gesuor  
forbrihchit, ob ih inan es iruenden ne  
mag, noh ih noh thero nohhein, then ih es  
iruuenden mag, uuidhar Karle imo ce  
follusti ne uuirdhit”.**

“Se Carlos cumpre o juramento que ele fez para seu irmão Luís e se Luís, meu senhor, rompe aquele aquele que jurou, se eu não posso dissuadí-lo, nem eu nem nenhum daqueles que eu poderia dissuadir, nós não lhe daremos nenhuma ajuda contra Carlos”.

**Quibus peractis Lodhuwicus Renotenus  
per Spiram et Karolus juxta Wasagum per  
Wizzunburg Warmatiam iter direxit**

Terminado, isso, Luís se dirigiu ao longo do Reno, por Spire, e Calos aos Voges, por Wissembourg, a Warmatia.

Através do original de Nithardo acima reproduzido, pode-se perceber com facilidade o ambiente solene no qual foram pronunciados os Juramentos. Destarte, no 16º dia das calendas do mês de março<sup>24</sup> de 842, os dois filhos de Luís, o Piedoso, Carlos, o Calvo e Luís, o Germânico, se encontraram em Estrasburgo para acabar com as dissidências existentes entre eles e Lotário. Segundo Wagner (1995, p. 5), Carlos e Luís, antes de assumirem o compromisso de paz e ajuda mútua naquele encontro, teriam realizado 13 entrevistas análogas. Certamente as línguas utilizadas para a comunicação durante as assembléias foram a romana e a tedesca. Os dois reis devem ter explicado aos seus súditos, através de uma *adnuntiatio*, os motivos pelos quais estariam sendo levados a selar aliança contra Lotário, imperador e irmão mais velho.

---

<sup>24</sup> Estamos adotando aqui a data do manuscrito que segue o calendário romano.

Quanto à estrutura dos Juramentos, trata-se na realidade de um texto em dois tempos e quatro movimentos, melhor dizendo, são compostos, por quatro partes: os dois textos em língua romana (o juramento de Luís ao seu irmão e a resposta dos soldados deste) e os dois textos em alemão (o juramento de Carlos por sua vez, ao seu irmão e a resposta dos soldados deste). Assim sendo, os dois irmãos se manifestaram cada um na língua do outro, enquanto que os soldados falaram espontaneamente nas suas próprias línguas.

Segundo Wagner (1995, p. 5), o texto francês dos Juramentos possui um marcante caráter jurídico. Essa característica teria como origem a chancelaria carolíngia e esta, por sua vez, seria fortemente influenciada por uma forma de escrita administrativa. Apesar de todo o estilo formal e pouco natural do Juramento, há hipóteses quanto à sua procedência lingüística. S. d'Arco Avalle e A. Castellani (apud WAGNER idem, ibidem) vêem nele marcas de um dialeto poitevino ou do norte da Aquitana. Já Cerquiglini, na sua obra *Le Roman de l'orthographe* de 1996 (apud [www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg](http://www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg)), vislumbra a possibilidade de uma língua transdialetoal:

*Une réflexion sur la nature de la langue écrite est perceptible dans ses effets dès les premiers textes. Elle conduit à l'emploi dans ces textes d'une langue transdialectale, pour ne pas dire nationale. Comment expliquer qu'après un siècle d'enquêtes et de propositions les plus diverses, la philologie n'ait pas déterminé en quel dialecte étaient rédigés les Serments de Strasbourg (842)? Il faut convenir que ce document diplomatique ne fut point préparé en lorrain, messin, picard, lyonnais ou poitevin, mais dans une langue transdialectale soigneusement élaborée : un français écrit, que l'on pourrait dire national, monument stable de la langue.*<sup>25</sup>

O pensamento de Cerquiglini nos faz refletir não somente sobre a forma da escrita do documento, trata-se de um documento diplomático, mas sobretudo sobre sua origem. O fato de a língua adotada ser pensada e cuidadosamente elaborada, dava-lhe, a essa língua, um caráter transdialetoal. O autor afirma que se pode até falar numa língua nacional, de caráter estável e que estaria acima de particularismos dialetais. Essa seria a razão pela qual a filologia não teria conseguido determinar, até os dias de hoje, em qual dialeto o documento foi redigido.

---

<sup>25</sup> Uma reflexão sobre a natureza da língua escrita é perceptível a partir dos seus efeitos desde os primeiros textos. Ela conduz ao emprego nesses textos de uma língua transdialectal, para não dizer nacional. Como explicar que depois de um século de pesquisas e propostas as mais diversas, a filologia não tenha determinado em qual dialeto foram redigidos os Juramentos de Estrasburgo (842)? É preciso aceitar que esse documento diplomático não foi preparado em loreno, messino, picardo, lionês ou poitevino, mas numa língua transdialetoal cuidadosamente elaborada: um francês escrito, que poder-se-ia dizer nacional, monumento estável da língua.



## 2.3 Estudo dos vocábulos

A análise filológica será do texto original do século IX para o francês contemporâneo. Realizaremos um estudo detalhado do texto pronunciado por Luís, o Germânico<sup>26</sup>, já que Carlos jurou em língua alemã. No que diz respeito ao texto pronunciado pelos soldados, analisaremos a sua totalidade e as expressões que merecerem destaque.

Com o objetivo de realizar um exame evolutivo aprofundado, faremos um estudo diacrônico dos vocábulos da língua românica. Dessa maneira, poderemos tanto voltar ao latim clássico do século I, quanto ao latim popular do século VII ou passar pelo francês antigo do século XI ou ainda pelo francês médio do século XV. Adotaremos para o estudo evolutivo, uma cor para designar cada língua ou períodos diferentes de uma mesma língua. Assim teremos:

- latim clássico (séc. I)
- latim popular (séc. VII)
- língua romana (séc. IX)
- francês antigo (séc. XI)
- francês médio (séc. XV)
- francês contemporâneo

### 2.3.1 O Juramento de Luís, o Germânico

#### 1) *Pro deo amur* > *Pour l'amour de Dieu*

*Per/Pro* > *Por* > *Pro* > *Por* > *Pour* > *Pour*

*Dei* > *Deo* > *Deo* > *Dieu* > *Dieu* > *de Dieu*

*amorem* > *amore* > *amur* > *amor* > *l'amour* > *l'amour*

A preposição *pro* (apesar de existir *per*) do latim clássico foi aqui adotada, embora houvesse a forma *por* do latim popular. A forma *pour* do francês contemporâneo poderia ser uma variação do *pro* + *por* ou, mais provavelmente, ocorreu a queda da vibrante *-r*. A forma

---

<sup>26</sup> O estudo evolutivo detalhado dos vocábulos do Juramento foi realizado a partir das versões do latim clássico, do latim popular, da língua romana, do francês antigo, do francês médio e do francês contemporâneo existentes no site da Universidade Laval. (<http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/francophonie/perioderomanestrasbourg.htm>)

contemporânea está foneticamente mais próxima do latim popular do que da língua romana escrita.

Segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos (s.d., p. 211), **Deo** é má grafia de *Deu* forma anterior de **Dieu**, no caso oblíquo, perdendo -s. No francês contemporâneo, observamos a presença da preposição **de** do genitivo (adjunto adnominal).

O nominativo **amur** pede um artigo no francês contemporâneo. Foneticamente não houve modificação no vocábulo, porém a grafia do -u latino tornou-se -ou.

2) *et pro christian poblo et nostro commun saluament* > *et pour le peuple chrétien et notre commun salut*

*et* > *et* > *et* > *et* > *et* > *et*

*christiani* > *chrestyano* > *christian* > *crestiien* > *chrestien* > *chrétien*

*populi* > *poblo* > *poblo* > *poepole* > *peuple* > *peuple*

*nostram* > *nostro* > *nostro* > *nostre* > *nostre* > *notre*

*communem* > *comune* > *commun* > *comum* > *commun* > *commun*

*salutem* > *salvamento* > *saluament* > *salvement* > *sauvement* > *salut*

A conjunção *et* não sofreu nenhuma modificação desde o latim até o francês contemporâneo. A forma *christian* registrada no documento aproxima-se da forma do latim clássico *christiani*; no entanto, a forma *chrétien* contemporânea tem mais proximidade com o latim popular. *Poblo* já é a forma do latim popular vinda do latim clássico *populi*, de *populus* – povo – que passa a ser *poepole* no francês antigo e *peuple* no francês médio e contemporâneo. A consoante oclusiva sonora labial de *poblo* torna-se surda a partir do francês antigo. O pronome possessivo *nostro* é o mesmo do latim popular. O fenômeno do desaparecimento do -s do meio dos vocábulos latinos é bastante comum no francês contemporâneo, ou seja, *nostro* > *notre*, assim como também é comum a troca da vogal final -o pelo -e mudo. *Commun* não sofreu modificações e *saluament* do latim clássico *salutem - de salüer* perde a desinência -ment evoluindo para *salut*.

3) *d'ist di in auant* > *de ce jour en avant*,

*ab* > *de esto* > *d'ist* > *de cest* > *de cest* > *de ce*

*die* > *die* > *di* > *jorn* > *jour* > *jour*

*hac* > *en avante* > *in auant* > *en avant* > *en avant* > *à partir*

*D'ist* da preposição latina *de* + pronome demonstrativo *ist*. A preposição permanece idêntica no francês contemporâneo já o pronome demonstrativo sofre transformações consideráveis, *ist* > *ce*. *Di* é uma corruptela do vocábulo latino *diem*. *Jour* tem origem no latim clássico: *diem* > *diurnum* > *jor(n)* > *jour*. Embora não tenhamos registrado na evolução da palavra a forma *jur*, não podemos deixar de citá-la. Há vários registros de *jur* em documentos do final do século XI como no verso 718 do poema épico, Canção de Rolando, “*Tresvait le jur, la nuit est aseri*”(ANDRIEUX-REIX, 1997, p. 84).

*In* (preposição/prevérbio) > *en* - em, para + *auant*, do latim popular *abantiare*, de *abante* forma reforçada de *ante* – em diante. Quanto a essa preposição *in*, Vasconcelos (s.d. p. 211), observa que “ no manuscrito está *en* com -e traçado, e um ponto por baixo, o que significa a necessidade de o revisor raspar e alterar a letra errada”. *Ab hac die* é a forma do latim clássico para a expressão acima. O termo que se encontra no Juramento, *d'ist*, deriva provavelmente do latim popular *de esto*.

4) *in quant Deus sauir et podir me dunat* > *autant que Dieu m'en donne l'intelligence<sup>27</sup> et le pouvoir*

*quantum* > *quanto* > *in quant* > *quan que* > *quan que* > *autant que*

*Deus* > *Deos* > *Deus* > *Dieus* > *Dieu* > *Dieu*

*scire* > *sabere* > *sauir* > *saveir* > *savoir* > *savoir*

*Posse* > *podere* > *podir* > *podeir* > *pouvoir* > *le pouvoir*,

*mihi* > *me* > *me* > *me* > *me* > *m'en*

*dat* > *donat* > *dunat* > *donct* > *done* > *donne*

*In quant* do latim clássico, *quantum* – locução conjuntiva, serve de oposição e de coordenação causal com a frase anterior – transforma-se em *quan que* no francês antigo e *autant que* no francês contemporâneo. *Deus* (nominativo) perde o -s final por volta do século

---

<sup>27</sup> Embora na tradução o termo escolhido para *sauir*, “tenha sido intelligence”, preferimos ser o mais fiel possível ao original no estudo evolutivo, ou seja, *savoir*.

XV. Quanto aos verbos *sauir* e *podir*, observemos o comentário de Vasconcelos (idem p. 211):

Com relação aos infinitivos *savir et podir*, discutiu-se se **-ir** seria grafia imperfeita por **-eir** (o histórico *saveir, podeir* precedeu *savoir, pouvoir*, ou se realmente houve infinitivos em **-ir**, o que é possível, em vista da desordem verificada nos tempos pre- e proto-históricos entre os verbos em **-ēre, -ěre, -ire**, embora em todas as línguas românicas *sapere* e *potere* (em lugar de posse) pertençam à segunda conjugação. *Tenere*, p. ex., deu também em fr. ant. *tenir* e *tenoir*.

Voltando à origem clássica, temos para o infinitivo *savoir* < *sapĕre/sciō* – saber, ter conhecimento – e para o infinitivo *pouvoir* < *possum/posse* – poder, ser capaz – passando pelo latim popular, *podere/potere*, por analogia com a maior parte dos verbos a partir das formas com radical *pot*. *Me* tem como origem *mihi* do latim clássico (dativo) de *ĕgo* – para mim. *Donne* do francês contemporâneo está bem próximo do *donat* do latim popular. É interessante notar a necessidade do pronome adverbial *en* apenas no francês contemporâneo, apesar de ele ser derivado do latim *inde* (registro de 842) que significa de lá, daquele lugar. (LAROUSSE, 1993, p.628). Segundo Wagner et Pinchon (1962, p. 183), os pronomes *en* e *y* são pronomes adverbiais, vocábulos de repetição que têm um valor duplo. Advérbios originalmente, servem também como pronome. Como advérbio, *en* exprime um lugar e representa um complemento circunstancial já expresso. Como pronome, pode substituir um termo dito anteriormente tendo a função de um complemento outro que o circunstancial de lugar.

5) *si saluarai eo cist meon fradre Karlo* > *je soutiendrai*<sup>28</sup> *mon frère Charles ici présent*

*seruabo* > *salvarayo* > *saluarai* > *salverai* > *sauverai* > *soutiendrai*

*ĕgo* > *eo* > *eo* > *si jō* > *si je* > *je*

*Hunc* > *eccesto* > *cist* > *cest* > *cest* > *ce, cet*

*meum* > *meon* > *meon* > *mien* > *mien* > *mon*

*fratrem* > *fradre* > *fradre* > *fredre* > *frere* > *frère*

*Carolum* > *Karlo* > *Karlo* > *Charlon* > *Charle* > *Charles*

<sup>28</sup> Embora na tradução o verbo escolhido para *saluarai* tenha sido *soutiendrai*, no estudo evolutivo do vocábulo preferimos o termo *sauverai*.

Em *saluarai*, observamos a formação do futuro em francês, uma espécie de futuro composto diferente do futuro latino. Na realidade, tem-se a forma infinitivo + verbo “*avoir*” conjugado; assim, *saluarai* é “*saluer ai*”; em francês contemporâneo seria uma idéia; próxima de “*j’ai à sauver*” então, se hei de salvar, de fazer algo, eu salvarei, eu farei.

Ademais no verbo *saluarai* do infinitivo latino *salutare* – salvar –, observamos uma evolução bem comum à língua francesa: o –l consoante lateral anterior torna-se a vogal –u, isto é, *sauver*. Quanto ao demonstrativo do latim popular *eccesto*, evolui no século IX para a forma *cist*, que indica presença. Com o substantivo *fradre*, se voltarmos ao latim clássico *frāter*, observamos a passagem da consoante surda anterior –t para a sonora –d e, em seguida, há a queda da consoante sonora –d, provocando a abertura da vogal –e, *frère*. Em *Karlo* há a evolução do [k] para o [ʃ] de *Charles*.

6) *et in aiudha et in cadhuna cosa* > *par mon aide et en chaque chose*

*ope mea* > *en ayuda* > *in aiudha* > *en aiude* > *par mon aide* > *par mon aide*

*quamcumque re* > *caduna causa* > *cadhuna cosa* > *chascune chose* > *chascune chose* > *et en chaque chose*

A palavra *aiudha* deriva do latim *adjutare* – ajuda. Voltando para a origem clássica, observamos a queda da consoante oclusiva sonora anterior –d e na escrita há a troca do –j pelo –i. Quanto à expressão *cadahuna cosa*, no francês contemporâneo *chaque chose*, observamos a mesma evolução da consoante surda posterior [k] para [ʃ]. A palavra tem origem na expressão do latim popular *unum cata unum*.

7) *si cum om per dreit son frada saluar dift* > *ainsi qu’ on doit par droit soutenir son frère*

*ut quilibet* > *sic qomo* > *si cum* > *si come* > *si comme* > *comme*

*homo* > *omo* > *om* > *on* > *on* > *on*

*suum* > *son* > *son* > *son* > *son* > *son*

*fratem* > *fradre* > *frada* > *fredre* > *frere* > *frère*

*seruare* > *salvare* > *saluar* > *salver* > *sauver* > *soutenir*

*iure debet* > *per directo ... devet* > *per dreit ... dift* > *par dreit ... deit* > *par droit* > *doit par droit*

Neste trecho, observamos a presença do vocábulo *om*. Vasconcelos (s.d., p. 211) comenta esse nominativo de *homo*, já no sentido *on* do francês contemporâneo – alguém, as pessoas, nós. Esse termo na Idade Média era comum a todas as línguas românicas. Ela também tece comentários em relação ao vocábulo *dift* que fora lido pelos primeiros editores como *dist* devido à falta de clareza do manuscrito. O possessivo *son* não sofreu qualquer mudança desde o latim popular, permanecendo com a mesma grafia até hoje. O vocábulo *dreit* passa a ser *droit* no francês contemporâneo e deriva do latim popular *directum* – aquilo que é justo. Já o verbo *devoir* do francês contemporâneo deriva do latim clássico *dēbēo* – ter obrigação de.

8) *in o quid il mi altresì fazet* > *pourvu qu'il fasse tout autant pour moi*

*dummodo* > *en o qued* > *in o quid* > *si come* > *si comme* > *à condition*  
*mihi* > *illi me* > *il mi altresì* > *on par dreit* > *on doit par droit* > *qu'il ... tout autant pour moi*  
*idem faciat* > *altrosic fatsyat* > *fazet* > *salver deit* > *son frere sauver* > *fasse*

Il terceira pessoa do singular já possui a forma contemporânea no século IX. No vocábulo *Altresì*, identificamos a junção de *alter* + *sic* do latim clássico que, após sofrer várias modificações, chega ao francês contemporâneo sob a forma *aussi*. O verbo *fazet* deriva do latim clássico *facēre*.

9) *et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai* > *et je ne prendrai jamais avec Lothaire aucun arrangement,*

*cum* > *ab* > *ab* > *a* > *avec* > *avec*  
*nullam* > *nullo* > *nul* > *nul* > *nul* > *aucun*  
*unquam* > *nonqua* > *nunquam* > *onques ne* > *onques ne* > *jamais*  
*pactionem faciam* > *plagdo ... prendrayo* > *plaid ... prindrai* > *plait ... prendrai,*  
> *plaid ... prendrai* > *je ne prendrai ... arrangement*

Do ponto de vista de Hilty (1973, p. 512), a preposição **ab**, que aparece no trecho acima, deveria ser relacionada com a forma **a** e não com **od**, ambas encontradas no francês antigo. Nessa passagem, segundo o autor, **ab** corresponderia à “prendre plait à quelqu’un” construção existente a época do documento. O autor reconhece que na preposição **od** < **apud** também havia o aspecto de reciprocidade, no entanto essa preposição foi encontrada mais em textos da região do Sudoeste, logo, para ele, o texto não viria de lá e sim da região Norte. A tese da origem poitevina<sup>29</sup> do documento é defendida por Castellani (apud HILTY, 1973, p. 513). No entanto, como já afirmamos anteriormente, para Cerquiglini, na sua obra *Le Roman de l'orthographe* de 1996 (apud [www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg](http://www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg)), a língua dos Juramentos seria transdialetal.

Em relação ao **avec** do francês contemporâneo, encontramos sua origem no **apud**, **apud-hoc** do latim popular. **Nul** perdeu a vogal final –o do latim popular **nullo** < **nullus**, pronome indefinido que significa nenhum, nenhuma, ninguém, coisa nenhuma.

**Nunquam** < **unquam** tem o mesmo sentido de **jamais** que se originou do latim **jam** + **magis**. E mais uma vez temos um exemplo do futuro francês com o verbo **prindrai** que seria “**prendre aĩ**”, ou seja, “**je prendraĩ**”.

10) *qui meon uol cist meon fradre Karle in damno sit.* > *qui de mon gré<sup>30</sup> soit au détriment de mon frère Charles ici présent.*

*que* > *qui* > *qui* > *qui* > *qui* > *qui*

*mea* > *meon* > *meon* > *mien* > *au mien* > *mon*

*Voluntate* > *volu* > *uol* > *vueil* > *veuil* > *volonté*

*huic* > *eccesto* > *cist* > *cest* > *à ce* > *ici présent*

*damno sit* > *en damno seat* > *in damno sit* > *en dam seit* > *soit à dan* > *soit au détriment*

O pronome relativo **qui** não sofreu modificações. O possessivo **meon** vem do latim **meum, meam, meos, meas**. Segundo Vasconcelos (s.d., p. 212), ele “era empregado na forma absoluta para intensificar o sentido; a forma conjunta é mon”. **Uol** vem do latim **uoluntas** –

<sup>29</sup> O Poitou é a região situada ao Sudoeste da França em que se falava o dialeto poitevino.

<sup>30</sup> Embora na tradução a palavra escolhida para **uol** tenha sido **gré**, no estudo evolutivo do preferimos o termo **volonté**.

boa vontade. *Cist* < *huic* que vem do latim *hujus* – aqui neste ponto, nesta ocasião. *Ici* do francês contemporâneo originou-se do latim popular *ecce huic* forma reforçada de *hic*.

Quanto ao vocábulo *Damno*, embora tenha um correspondente etimológico atualmente, *dam* que vem do latim *damnum* – perda, é *détriment*< *detrimētum* a palavra contemporânea que mais se aproxima ao sentido do documento.

### 2.3.2 O Juramento dos soldados

Conforme anunciamos anteriormente, comentaremos a seguir algumas expressões do juramento pronunciado pelos soldados de Carlos, o Calvo. Para facilitar nossa análise, decidimos reproduzir mais uma vez, e em destaque, o texto em questão: “*Si Lodhuuigs sacrament, que son fradre Karlo iurat conseruat, et Karlus, meos sendra, de suo part non l’ostanit, si io returnar non l’int pois, ne io ne neuls cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuuuig nun li iu er*”<sup>31</sup>.

Na passagem acima, temos então o juramento de fidelidade dos soldados ao Senhor. Embora todos tenham jurado juntos, cada um jurava por si só, uma vez que o pronome pessoal utilizado foi o de primeira pessoa do singular. Cada um era responsável pela sua própria promessa, pelo seu engajamento.

Apesar da curta extensão do juramento coletivo, há duas expressões que suscitaram várias controvérsias entre os estudiosos. A primeira delas é *sendra* e a segunda *l’ostanit*.

Quanto ao termo *sendra*, Vasconcelos (s.d., p. 212) observa que ele está por *sendre* assim como *fradra* por *fradre*. Para a autora, seria uma forma antiquada anterior a *senre* sem *-d*, que proviria de *senior* > *sire*. Já para Hilty (1973, p. 513) o uso do nominativo *senior* no lugar de *seior* é extremament raro nos textos da região Norte (de onde o autor acredita que provêm os Juramentos). Ele sublinha ainda que, exceto os Juramentos de Estrasburgo, o termo só estaria registrado em dois outros textos, que são “*La Passion*” e o “*Girart de Roussillon*”. Embora *senior* seja encontrado em todos os juramentos de fidelidade de vassalos, pelo menos desde o *Capitulare missorum* de 805, nada provaria a existência de um reflexo do nominativo na língua romana de onde vêm esses documentos, visto que nessa língua romana existia o termo *seior* > *sire*.

Quanto ao termo *l’ostanit*, Vasconcelos (s.d., p. 212) afirma que o original não foi bem escrito e que houve algum equívoco por parte do copista. Ela adota a versão *lo suon fraint* que

---

<sup>31</sup> Na página 33 já há uma tradução em português desse texto.



significa, de sua parte, quebra, frange. Ademais, comenta que há várias interpretações dos editores para essa expressão e cita duas delas; a primeira, *non lo tanit*, por *tenet*; e a segunda, *non s'obstanit*, por *obstinet*. A versão adotada pela autora, *lo suon fraint*, foi a mais próxima da versão alemã. Hilty (1973, p. 514-20) realiza uma longa análise do vocábulo e apresenta uma interpretação própria para a expressão. Segundo o autor, não há necessidade de nenhuma correção gráfica do original, para ele o termo seria mesmo *loftañit*. No primeiro elemento *lof*, ele vê a palavra latina *locu*, e defende sua tese mostrando uma longa lista de variações da palavra *locu* (com o sentido de lugar) com uma grafia bem próxima a de *lof*. Eis alguns exemplos: *lueff*, *luef*, *lieuf*.

Quanto ao segundo elemento, o autor entende que o traço existente em cima da letra **n**, seria uma abreviação de um segundo **n** e assim *tanit*, é na realidade *tannit* (*tangit*) o presente do subjuntivo de *teneam*. Dessa maneira a interpretação semântica da expressão teria como ponto de partida expressões latinas do tipo *locum tenere* ligada à terminologia militar que significa manter posição, cumprir. No texto do Juramento, pode ter um sentido figurado de “*tenir bon*”, isto é, cumprir sua promessa, cumprir o juramento.

Para terminar, comentaremos ainda outra expressão dessa passagem. Trata-se das últimas quatro letras do juramento: *iuer*. Por estarem unidas no original, várias interpretações foram realizadas. Vasconcelos (s.d., p. 213) oferece algumas delas, mas conclui que “Er é em todo caso o futuro latino *ero*, *eris*, perdido nas línguas modernas, ou alterado quanto ao sentido”.

## **2.4 Considerações gerais sobre a análise dos Juramentos de Estrasburgo**

Para apresentarmos nossas considerações gerais sobre o estudo em apreciação, resolvemos dividir o documento em dois aspectos gramático-estruturais: um que trata da Ortografia e outro da Morfossintaxe.

### **2.4.1 Ortografia**

A escrita do documento é bem marcada pela grafia latina, e o sistema vocálico do francês, ainda em formação no século IX, é bastante indefinido quanto às vogais finais. No documento temos várias grafias para um mesmo vocábulo, como por exemplo; *Karlo*, *Karle*, *fradra*, *fradre*. Segundo Perret (2003, p. 146), a grafia em **-o** corresponde às vogais finais do

latim do século VII. A grafia em **-a** é arcaizante, mas também é prova de um certo desejo de analogia; essa vogal final latina teria evoluído para o **-e** mudo [ə]. Vejamos os exemplos; *dunat, cadhuna, cosa*. Já a grafia em **-e** é a mais próxima da pronúncia real, mas é adotada na realidade para representar dois fonemas, [e] em *Deo, Deus* e [ə], em *fradre, Karle*.

No grupo vogal + consoante nasal, continua a hesitação dos grafemas, *en* ou *in*. Observem-se as expressões: *d'ist di en avant - in quant*. Neste ponto, porém, Perret (2003, p. 146) sublinha que poderia ter havido a interferência entre a língua romana dos Juramentos e a língua do copista. Já Vasconcelos (s.d. p. 211), comenta que no manuscrito seria *en* com **-e** traçado e um ponto por baixo, ou seja, seria uma letra errada que precisava ser alterada pelo revisor, seria erro já apontado no manuscrito.

O grafema **-u** é utilizado para descrever vários fonemas: [o] em *dunat*, [u] em *amur*, [y] em *cadhuna*, [v] em *saluament, saluarai, uol*.

Quanto aos ditongos, quase não são marcados, analise-se *sauir, podir* no lugar de *saveir, podeir*. Já na expressão *per dreit* a ditongação é bem clara.

Em relação ao pronome pessoal de primeira pessoa, *je*, observamos a presença das formas; *eo* e *io*.

Embora as consoantes sejam mais regulares que as vogais, ainda se pode ver um mesmo fonema grafado de diversas formas, como, por exemplo, [k] que é grafado por **-ch** em *christian*, por **-qu** em *quant, qui, quid*, por **-c** em *cadhuna cosa*, por **-k** em *Karle*. No entanto, conforme mostra Perret (2003, p. 146), o grafema **-c** possui dos fonemas, [k] em *cosa* e [ts] em *cist*.

Apesar de todas essas irregularidades verificadas na escrita, é importante dizer que várias características da ortografia do francês contemporâneo já estão presentes no Juramento, como por exemplo a grafia das palavras *commun, me, si, son, nul plaid*. A hesitação na grafia é uma característica normal do momento de formação das línguas em geral, porque o estabelecimento de regras só acontece posteriormente.

#### 2.4.2 Morfossintaxe

Em relação aos tempos verbais presentes no Juramento, é importante realçar o futuro composto dos verbos *saluarai*, (*salvare habeo*) e *prindrai* (*prehendere habeo*). Não se pode esquecer, porém, que o futuro sintético latino continuou a existir por um tempo. No final do

Juramento dos soldados, temos um exemplo de futuro sintético: *er < ero (...in nulla aiudha contra Lodhuuuig nun li iu er)*.

O sistema de declinação do proto-francês não era mais o mesmo do latim, pois fora reduzido a apenas dois casos: o caso sujeito, para o sujeito e o atributo; continuando assim o nominativo latino; e o caso regime, para todos os complementos, continuando como o acusativo latino. Observemos os exemplos: *Deo/Deus, Kalus/Karle/Karlo* e *Lodhuuig/Lodhuuuig*.

No que diz respeito aos pronomes, os possessivos, como também os demonstrativos, ainda não estavam sob a forma moderna, exceto o possessivo *son*. Os possessivos de primeira pessoa sofreriam modificações até o francês contemporâneo; *meon > mien, meos > mes*. Os demonstrativos são derivados de uma forma latina simples; *iste die > ist di*, assim como também podem ser derivados de uma forma composta; *ecce iste > cist*. O uso dos pronomes pessoais foi considerável e o pronome pessoal de primeira pessoa apareceu sob as formas *eo, io*. Há também o pronome complemento *me, mi* (*...in quant Deus sauir et podir me dunat... in o quid il mi altresi fazet*) e a terceira pessoa do pronome pessoal, *il*, já na forma contemporânea. Outro fato interessante é a existência do pronome *on* na forma romana *om*, no entanto com sentido contemporâneo (*si cum om per dreit son frada saluar dift*).

No campo sintático, as marcas latinas são fortes, como podemos ver logo no início do Juramento, através da expressão “*Pro Deo amor*” em latim teríamos “*per Dei amorem*”. Para Hilty (1973, p. 523), embora esse início seja problemático, a sintaxe do documento já caracterizaria a sintaxe do francês por ser bastante freqüente na Idade Média e por estar presente em tantos outros textos franceses.

A ordem latina das palavras foi conservada diversas vezes, isto é, o verbo vem geralmente no final da frase: *in quant Deus sauir et podir me dunat; si cum om per dreit son frada saluar dift e ; et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai*.

Outro aspecto a ser citado é o emprego da ordem latina demonstrativo + determinante, *cist meon fradre*, que, com o tempo, desapareceu do francês.

Para Perret (2003, p. 147), o demonstrativo de proximidade *ist < iste*, que aparece duas vezes no texto, é empregado para designar, mostrar um elemento que pertence ao presente do locutor e dos interlocutores, ou seja, segundo os lingüistas, trata-se de uma referência situacional. Na expressão *d’ist di in auant*, a idéia a ser compreendida é “na realidade”: *este dia que eu Luís e vós soldados estamos vivendo*. Já a expressão *cist meon fradre Karl* pode ser traduzida como: *este meu irmão aqui presente que temos sob nossos olhos*.

Como último comentário, temos o emprego dos pronomes pessoais. A maior parte dos pronomes pessoais do documento aparece antes do verbo, já seguindo as tendências do francês contemporâneo. Existe, contudo, uma única expressão de aspecto bem latino em que há inversão do sujeito, *si saluarai eo cist mon fradre*. Esse fato, porém, não invalida a caracterização da língua francesa nascente que tem como ordem regular da frase sujeito/verbo/complemento.

## ***2.5 Algumas conclusões***

Pelo que pudemos analisar, é possível considerar os Juramentos de Estrasburgo como o primeiro documento da língua romana, futura língua francesa. Claro que a presença do latim naquela época era enorme e não poderia deixar de ser. Toda língua falada muda com o tempo e a língua latina não foi nenhuma exceção. Das mudanças sofridas por ela surgiram as línguas neolatinas, como já foi dito na primeira seção do nosso estudo. A língua romana ou proto-francês foi a primeira entre elas a ser considerada como língua distinta do latim, contudo, impossível seria a essa língua não conter traços da sua língua mãe.

Como verificamos ao longo do nosso estudo, os Juramentos possuem não somente características próprias à língua do século IX como também alguns arcaísmos latinos. Embora comunguemos com o pensamento de Cerquiglini (1996, apud [www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg](http://www.langue-fr.net/d/origines/serment-strasbourg)) sobre a origem transdialetoal do documento, acreditamos que malgrado esse aspecto, os Juramentos são, sem sombra de dúvidas, representativos da língua românica. Hilty (1973, p. 523) admite a grande influência latina no documento chegando até a sugerir<sup>32</sup> a distinção, dentro da “língua dos Juramentos”, de várias camadas mais próximas ou mais distantes das estruturas latinas, sublinhando, contudo, que todas essas são camadas francesas.

Uma língua viva está sempre em transição e certamente a língua francesa é um bom exemplo disso. Doze séculos se passaram desde o seu nascimento até os nossos dias. A história de uma língua está intimamente ligada à história do povo ou dos povos que a falam.

Na próxima seção deste trabalho, iremos ver um pouco do percurso dessa língua/cultura francesa no século XX e no século XXI. Onde se fala e como se fala o francês? Qual a sua importância e o seu lugar no mundo contemporâneo?

---

<sup>32</sup> Hilty nessa sugestão cita o trabalho de R. Ruggieri, *La stratigraphie linguistique «interne» des SERMENTS DE STRASBOURG*, *Travaux de linguistique et de littérature* 3/1 (1965), p. 81-92.

### 3 Da França para o mundo

---

*« La francophonie, c'est cet humanisme intégral qui se tisse autour de la terre. »*

L.S. Senghor

Nossa viagem pela história da língua francesa continua. Nesta seção, nosso objetivo principal é mostrar a situação do francês no século XXI. Para conseguir atingi-lo, decidimos voltar um pouco no tempo e mostrar alguns acontecimentos importantes para sua história. Começaremos no século XVI e chegaremos, como já dissemos no século XXI, ao tempo da francofonia, do francês “*en partage*”<sup>33</sup>.

#### 3.1 Momentos importantes para a língua francesa

Século da “*Renaissance*”, o século XVI é muito importante para a língua francesa. Nessa época, o francês co-habita com o latim e com o italiano. Pode-se dizer que dois fatos marcaram a língua francesa nesse momento.

O primeiro fato foi a promulgação da Ordenança de Villers-Cotterêts por Francisco I no ano de 1539. Esse ato político impulsionou a adoção da língua francesa em todo o território, impondo seu uso em todos os atos jurídicos. O francês tornava-se a partir daquele instante, língua jurídica e administrativa:

#### “Que les arretz soient clers et entendibles

*Et afin qu'il n'y ayt cause de doubter sur l'intelligence desdictz arretz. Nous voulons et ordonons qu'il soient faictz et escriptz si clerement qu'il n'y ayt ne puisse avoir aulcune ambiguité ou incertitude, ne lieu a en demander interpretacion.*

---

<sup>33</sup> A melhor tradução que encontramos para o a expressão “*le français en partage*” é “o francês em comunhão”.

*De prononcer et expedier tous actes en langaige françoys[...]*

*[...]soient prononcez, enregistrez et delivrez aux parties en langage maternel françoys et non aultrement.(Ordenança de Villers-Cotterêts apud HUCHON, 2002, p. 131)<sup>34</sup>*

O segundo fato foi o lançamento do livro “*La défense et illustration de la langue française*”, de Du Bellay de 1549. Para Huchon (2002, p. 127) embora a obra tenha tido um caráter político, imposto pelas necessidades econômicas do desenvolvimento da imprensa, havia, realmente, uma intenção de defesa da língua. Outra preocupação da época era a definição de regras gramaticais.

Momento de grande efervescência literária, o século XVI foi o século de grandes escritores como Montaigne, Rabelais, Du Bellay e os poetas da Pléiade. Devido às regras gramaticais ainda não estarem estabelecidas, cada um escrevia um pouco a seu modo. Segundo Huchon (2002, p. 129) para cada escritor haveria uma espécie de dicionário, um estilo ou vocabulário próprios.

O século XVII foi marcado pela criação da Academie Française em 1635 por Richelieu. A função da Academia era a de zelar pela língua francesa, criando normas para torná-la clara e eficiente, capaz de expressar as artes e as ciências. Havia nesse século um desejo de normatização do francês procurava-se o bom uso da língua. Data dessa época, 1637, o *Discours de la méthode* de Descartes, no qual ele mostra que a expressão do francês pode se aliar à razão natural e pura.

Vale sublinhar também, como acontecimento importante do século XVII, a criação e publicação de dicionários monolíngües. Em 1694 foi publicado o primeiro dicionário da Academia Francesa no entanto este fora precedido pelo dicionário de Richelet e pelo dicionário de Furetière. Ademais, não podemos deixar de citar a Gramática de Port-Royal, obra na qual se começou a pensar não somente sobre as regras da língua, sobre as classes de palavras isoladas, mas sobretudo sobre o funcionamento dessas regras em conjunto.

Outro fato interessante ainda a observar no século XVII, é a adoção do francês como língua administrativa em certos países da Europa, como por exemplo a Holanda e

---

<sup>34</sup> Que os atos judiciários sejam claros e compreensíveis.

E para que não haja motivo para duvidar das decisões dos ditos atos, nos queremos e ordenamos que eles sejam feitos e escritos de forma tão clara que não possa haver nenhuma ambigüidade ou incerteza, que não peça interpretação.

De pronunciar e expedir todos os atos em língua francesa [...]

[...] sejam pronunciados, registrados e entregue às partes em língua materna francesa e não de outra maneira.

Luxemburgo. E para terminar esse século, não podemos esquecer a disseminação da língua por todas as colônias francesas, como na Acádia, no Canadá, nas Antilhas, no Oceano Índico e no Senegal.

O século XVIII foi o século de ouro para a história da França e, conseqüentemente, para o francês. Impossível dissociar o triângulo língua, história e cultura. Não é sem razão que o francês ficou conhecido como “*la langue de la liberté, de l’égalité et de la fraternité*”<sup>35</sup>, a língua da Declaração dos Direitos do Homem (HAGÈGE, 1996, p.79). Toda a ideologia revolucionária foi veiculada através do francês, que também foi adotado pelo movimento enciclopedista. Dessa maneira passou a ser visto como língua de ciência e assumiu, a partir daquele momento, o lugar até então ocupado pelo latim.

Mais um fato importante para a língua francesa foi sua adoção no ensino. Em 1726 foi publicado o “*Traité des études*” de Charles Rollin que defendia a importância do ensino ser ministrado em francês (HUCHON, 2002, p. 205). Queremos contudo deixar claro que, a essa época, poucas pessoas tinham acesso aos estudos. A classe desfavorecida não falava francês e sim patoá. Essa divisão lingüística era o reflexo de uma divisão social. O abade Gregório, um dos personagens da época sensíveis a essa situação lingüístico-social declarou na tribuna da Convenção de 16 de junho de 1794 a necessidade de acabar com os patoás e de universalizar o uso da língua francesa: “*Pour extirper tous les préjugés, développer toutes les vérités, tous les talents, toutes les vertus, fonder tous les citoyens dans la masse nationale, [...] il faut identité de langage.*”<sup>36</sup> ( Abade Gregório apud HAGÈGE, 1996, p. 71)

Até o final do século XVIII, o prestígio da língua francesa continuava grande pela Europa, no entanto, com a França perdendo suas colônias para a Inglaterra, o francês foi cedendo lugar para o inglês. Um caso único de manutenção da língua francesa em colônia Inglesa foi o da comunidade francófona do Canadá. Segundo Huchon (2002, p. 218) esse fato raro seria devido a uma forte determinação da população e uma grande taxa de natalidade.

A lei Jules Ferry de 1882, foi o fato que mais marcou a história da língua francesa no século XIX. Ela institucionalizou o ensino do francês obrigatório, gratuito e laico. A partir daquele momento, o uso das línguas regionais foi proibido nas escolas. Outro fato marcante

---

<sup>35</sup> Língua da liberdade, da igualdade, da fraternidade.

<sup>36</sup> Para extirpar todos os preconceitos, desenvolver todas as verdades, todos os talentos, todas as virtudes, fundir todos os cidadãos na massa nacional, é preciso identidade de linguagem.

desse século na história do francês são as publicações de grandes dicionários como o Littré e o Larousse. Esse foi também o século da lingüística, a língua passou a ser considerada como objeto de estudo e não só apenas como meio de transmissão de conhecimento.

Dos acontecimentos do século XIX, chegamos ao século XX. Até então, a língua francesa tinha lutado para se impor no interior do seu próprio território de origem. Com a chegada do novo século, a situação mudou e o francês começou a perder espaço. A partir do Tratado de Versalhes, tratado de paz que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, assinado em 28 de junho de 1919, a língua francesa deixou de ser preponderante na diplomacia para dividir seu espaço.

### **3.2 A francofonia**

Depois da francofilia dos séculos XVII ao XIX, surgiu a francofonia dos séculos XX e XXI. O termo francofonia apareceu pela primeira vez em 1880. Ele foi empregado pelo geógrafo francês Onésime Reclus no seu livro *France, Algérie et colonies*<sup>37</sup> para designar os espaços geográficos onde a língua francesa era falada (HAGÈGE, 1996, p. 136). Porém, apenas em 1886 com a obra *La France et ses colonies*<sup>38</sup>, do mesmo autor, é que se teve uma estimativa do número de francófonos no mundo: 51,75 milhões.

Hoje em dia, a palavra francofonia (com f minúsculo) é empregada tanto para designar o conjunto de povos ou grupo de locutores que utilizam parcialmente ou inteiramente a língua francesa em sua vida cotidiana ou na sua comunicação; quanto para designar a OIF, Organização Internacional da Francofonia (neste caso com F maiúsculo), uma instituição fundada sobre o princípio de uma língua e de valores comuns veiculados através dessa língua. Esses valores são: a fraternidade, a tolerância e o respeito à identidade e à diversidade culturais no mundo. Podemos dizer então, que a francofonia vai além de uma simples comunidade lingüística, embora a língua francesa continue sendo seu denominador comum. Trata-se, na realidade, de uma comunidade que comunga idéias e valores, e que veicula em todo mundo uma mensagem de universalismo e democracia.

---

<sup>37</sup> França, Argélia e colônias.

<sup>38</sup> A França e suas colônias.



Embora a língua francesa ocupe um lugar de destaque no mundo e nas relações internacionais, com cerca de 200 milhões de francófonos<sup>39</sup>, não se pode negar o prestígio crescente da língua inglesa. É importante saber, contudo, que apesar do prestígio da língua inglesa nas relações internacionais, o francês continua uma língua de trabalho tanto na Europa quanto na África, onde ocupa lugar de destaque na Organização da Unidade Africana (OUA).

Entre os falantes da língua francesa em todo mundo, deve-se distinguir os que a têm como língua materna, os que a têm como segunda língua e ainda aqueles para quem ela é uma língua administrativa, caso bastante comum em países da África.

Como resquício de um prestigioso passado, o francês guarda o privilégio de ser reconhecido como uma grande língua de civilização, além de ser associado a valores universais. Segundo Selim Bou, (apud DAMÁSIO <http://www.espacoacademico.com.br>) a idéia do francês “língua universal” é oposta à idéia da língua anglo-americana “língua do global”. O inglês seria, para o mesmo autor, um instrumento de homogeneização cultural e estaria relacionado à mundialização das economias. Já o francês “aparece como a língua do humanismo crítico que produziu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

A organização da Francofonia começou a partir da década de 60, mas foi precisamente no dia 20 de março de 1970 que a Agência de Cooperação Cultural e Técnica (ACCT) foi criada. Estavam à frente do movimento os presidentes Léopold Sédar Senghor do Senegal, Habib Bourguiba da Tunísia, Hamani Diori da Nigéria e o príncipe Norodom Sihanouk do Camboja. Naquele momento, 21 Estados e governos assinaram a convenção de criação da ACCT. A Agência visava a difusão cultural e a ajuda técnica entre os seus membros. A mobilização a partir dessa época teria inspirado a organização de outras comunidades lingüísticas tais como a arabofonia, hispanofonia e lusofonia (apud <http://www.france.org.br>). Em 1999 a ACCT, passou a ser chamada OIF, Organização Internacional da Francofonia. Seguindo os rastros da tradição do humanismo crítico, em novembro de

---

<sup>39</sup> Todos os dados numéricos deste trabalho, relacionados à francofonia, foram recolhidos no site oficial da OIF: <http://www.francophonie.org>

2005, a Conferência ministerial da Francofonia, reunida na cidade de Antananarivo, Madagascar, adotou a Carta da Francofonia que se tornou o documento mediador do movimento francófono a partir daquele momento. Logo no preâmbulo da Carta encontram-se as diretrizes do movimento:

*“La Francophonie doit tenir compte des mutations historiques et des grandes évolutions politiques, économiques, technologiques et culturelles qui marquent le XXI<sup>e</sup> siècle pour affirmer sa présence et son utilité dans un monde respectueux de la diversité culturelle et linguistique, dans lequel la langue française et les valeurs universelles se développent et contribuent à une action multilatérale originale et à la formation d’une communauté internationale solidaire”.*<sup>40</sup> (Charte de la Francophonie apud [www.agence.francophonie.org](http://www.agence.francophonie.org))

Conforme o preâmbulo acima, podemos afirmar que o desejo da comunidade francófona é não somente o de considerar e estar presente às mudanças pelas quais passou e passa o mundo neste século XXI, mas, sobretudo, o de participar ativamente na construção de uma comunidade internacional solidária onde se respeita a diversidade cultural e lingüística.

A OIF ou Organização Internacional da Francofonia, como já foi dito anteriormente, age nos campos da política internacional e da cooperação multilateral e é composta atualmente por 63 membros. Vejamos abaixo lista dos países membros e dos países observadores da Organização:

--	--	--	--

<sup>40</sup> A francofonia deve levar em conta as mutações históricas e as grandes evoluções políticas, econômicas, tecnológicas e culturais que marcam o século XXI para afirmar a sua presença e sua utilidade num mundo que respeita a diversidade cultural e lingüística, dentro do qual a língua francesa e os valores universais se desenvolvem e contribuem com uma ação multilateral original e com a formação de uma comunidade internacional solidária.

			São Tomé


			Ucrânia



quadro 1  
Países membros e observadores da OIF  
(apud <[www.agence.francophonie.org](http://www.agence.francophonie.org)>)

Como se pode observar, há países participantes da OIF na África, no Oceano Índico, na América e no Caribe, na Ásia, no Pacífico, no Oriente Médio e na Europa. Haveria portanto, uma rede de ajuda mútua em todo o mundo.

Com o desenvolvimento da francofonia, algumas instituições foram criadas para melhorar e desenvolver a atuação das políticas adotadas pela OIF. Entre as instituições mais importantes estão a Agência Universitária da Francofonia, a Associação Internacional dos Prefeitos e Dirigentes de Metrôpoles Francófonas, a Universidade Senghor de Alexandria e a rede de televisão TV5 Monde.

Após anos de reflexão e amadurecimento, os objetivos do movimento francófono foram elencados no artigo 1º da Carta da Francofonia adotada em 2005:

*La Francophonie, consciente des liens que crée entre ses membres le partage de la langue française et des valeurs universelles, et souhaitant les utiliser au service de la paix, de la coopération, de la solidarité et du développement durable, a pour objectifs d'aider : à l'instauration et au développement de la démocratie, à la prévention, à la gestion et au règlement des conflits, et au soutien à l'État de droit et aux droits de l'Homme ; à l'intensification du dialogue des cultures et des civilisations ; au rapprochement des peuples par leur connaissance mutuelle ; au renforcement de leur solidarité par des actions de coopération multilatérale en vue de favoriser l'essor de leurs économies ; à la promotion de l'éducation et de la formation. (Charte de la Francophonie apud [www.agence.francophonie.org](http://www.agence.francophonie.org))<sup>41</sup>*

A partir do artigo supracitado, podemos resumir os objetivos do movimento francófono em quatro aspectos: políticos, lingüísticos, culturais e econômicos. Como aspecto político teríamos a promoção da paz, dos direitos do homem, da democracia e da solidariedade entre os povos. Como aspectos lingüísticos e culturais teríamos a promoção da língua francesa enquanto língua de valores universais respeitando, porém, as diversidades culturais e lingüísticas de cada povo e de cada nação. Ademais, teríamos o apoio à educação, à formação, ao ensino superior e à pesquisa. E como aspecto econômico, teríamos o apoio à cooperação multilateral e ao desenvolvimento sustentável entre os povos.

Ao iniciarmos esta seção, nossa intenção era de mostrar um trecho do caminho percorrido pela língua francesa. Damos um “pequeno” salto no tempo: deixamos o século IX dos Juramentos de Estrasburgo na seção anterior e elegemos como ponto de partida desta seção, o século XVI, século da Ordenança de Villers-Cotterêts, e como ponto de chegada escolhemos o século XXI, século da Francofonia.

Cinco séculos de aventura é um tempo considerável. Somos levados a admitir que durante todos esses anos, o francês não parou de lutar pelo seu espaço. No início seu “concorrente ou adversário” foi o latim, depois vieram os dialetos falados na própria França e hoje em dia há o inglês que se espalha pelo mundo<sup>42</sup>. Todos esses acontecimentos nos fazem compartilhar da idéia do título do livro de Hagège (1996) *Le français, histoire d'un combat*, onde o combatente deseja apenas continuar existindo. Desejamos-lhe vida longa!

---

<sup>41</sup> A Francofonia consciente dos elos que cria entre seus membros a comunhão da língua francesa e dos valores universais e desejando utilizá-los a serviço da paz, da cooperação, da solidariedade e do desenvolvimento sustentável, tem como objetivos: ajudar a instaurar e a desenvolver a democracia; a prevenir, administrar e apaziguar os conflitos; a apoiar o Estado de direito e os direitos do homem; a intensificar os diálogos das culturas e das civilizações; a aproximar os povos através dos seus conhecimentos mútuos; a reforçar a solidariedade entre eles através de ações de cooperação multilateral visando o desenvolvimento de suas economias; a promover a educação e a formação.

<sup>42</sup> Queremos esclarecer que apesar do nosso trabalho ter como objeto de estudo os Juramentos de Estrasburgo e de trazer um pouco da história da língua francesa, defendemos a igualdade de importância entre todas as línguas. Do nosso ponto de vista, não há língua superior a outra, todas são iguais em importância.



## CONCLUSÃO

---

Quando decidimos realizar esta dissertação de mestrado, nosso objetivo estava todo contido no seu título, ou seja, desejávamos provar a importância histórica e filológica dos Juramentos de Estrasburgo na consolidação da língua francesa. Tínhamos, na realidade, uma intenção puramente teórica e não podíamos vislumbrar que este trabalho de pesquisa pudesse influenciar na nossa atividade como professora. Também não imaginávamos, o quão prazeroso seria começar a descobrir a história da língua francesa a partir do documento considerado como sua “certidão de nascimento”.

Na primeira seção, realizamos uma análise histórico-política do território onde hoje se localiza a França sem deixar de abordar o aspecto lingüístico dos povos que ocuparam a região. Iniciamos esta seção a partir da ocupação da Gália, em seguida continuamos, chegamos às invasões germânicas (a partir do século IV) e terminamos mostrando o Império de Carlos Magno e os Juramentos de Estrasburgo.

Embora na primeira seção tenhamos realizado um trabalho de pesquisa histórica no qual apenas relatamos os fatos, já pudemos atentar para um aspecto interessante da história da França e, conseqüentemente, do francês. Observamos a grande variedade de povos que passaram pelo seu território e no que disso resultou, ou seja, uma língua francesa descendente do latim, mas com influências e marcas de todas as civilizações que por ali passaram.

Na segunda seção, mostramos inicialmente as etapas pelas quais passou o francês. A primeira etapa sendo a da língua romana falada no século IX, nos interessou não somente por ser a dos Juramentos, mas, sobretudo, por todas as hesitações e dúvidas ortográficas do momento inicial, assim como, pelas influências da fonética na escrita. Nesse aspecto, não pudemos deixar de notar as semelhanças do proto-francês com o português. A segunda etapa foi a do francês antigo, da divisão territorial pela diferença dialetal. A região da *langue d'oïl* e a região da *langue d'oc*. Constatamos como é forte a influência da língua na hegemonia territorial. Na terceira etapa, denominada francês médio, ficou clara a tendência à fixação dos

aspectos da língua. Na última etapa, a do francês contemporâneo, notamos que terminara o tempo das hesitações; as regras gramaticais, ortográficas e fonéticas tinham sido fixadas.

Continuando na segunda seção, analisamos o trecho da obra de Nithardo onde se encontram os Juramentos. Através das nossas pesquisas, chegamos à conclusão de que os Juramentos, provavelmente, foram escritos em língua romana, e não em latim, como o resto da obra, para que o evento narrado fosse transcrito da forma mais verdadeira possível. No entanto, acreditamos que pode ter havido, também, um objetivo político nessa escolha. Transcrever os Juramentos nas duas línguas nas quais foram pronunciados, trouxe à tona o esfacelamento geopolítico, de fato, do Império. Ao apresentar a divisão lingüística que havia entre os soldados de Carlos, o Calvo, e os soldados de Luís, o Germânico, o autor talvez tenha tido a intenção de mostrar que aquela divisão não era só lingüística. O tratado de Verdun firmado um ano após os Juramentos, foi a confirmação da divisão geopolítica que já existia há muito tempo.

Após o estudo da assembléia de Estrasburgo, “mergulhamos” na análise em detalhe dos Juramentos. O trabalho não foi fácil no início porque nunca havíamos realizado uma análise filológica. Passadas as primeiras dificuldades começamos a descobrir “um mundo” através do estudo evolutivo dos vocábulos. Ao terminarmos a análise, chegamos a algumas conclusões.

Conseguimos constatar, através do estudo evolutivo, que a língua do documento era mesmo distinta do latim. Algumas provas dessa constatação, entre as outras que já apresentamos, foram a presença do futuro composto dos verbos e a presença de um sistema de declinação reduzido a apenas dois casos: o caso sujeito, para o sujeito e o atributo; continuando assim o nominativo latino; e o caso regime, para todos os complementos, continuando como o acusativo latino.

Em seguida, concluímos que não há dúvidas quanto à fundamental importância do documento estudado. Todos os especialistas pesquisados foram unânimes em reconhecer o valor dos Juramentos de Estrasburgo para a história do francês. Como disse Cerquiglini, a língua francesa passou a existir depois, e somente depois, dos Juramentos de Estrasburgo.

Terminado o estudo dos vocábulos, chegamos à terceira seção do trabalho. Desta etapa, onde mostramos alguns fatos marcantes da história do francês e também a situação atual da língua, chegamos à conclusão de que a história da língua francesa sempre esteve relacionada à história de outras línguas, como comenta sabiamente Huchon (2002, p. 282), *“l’histoire du français s’est toujours inscrite par rapport au prurilinguisme. Le français s’est tout au long*

*de son histoire enrichi des diverses langues avec lesquelles il a été en contact*<sup>43</sup>. Ademais, esta pesquisa nos permitiu constatar, de forma mais aprofundada, a relação íntima entre a história do país e a história da língua.

Gostaríamos, para terminar, de registrar a nossa agradável surpresa ao descobrir a importância da volta às origens. Não temos nenhuma dúvida de que esta pesquisa sobre os Juramentos de Estrasburgo, e sobre a história do francês, marcou definitivamente nosso trabalho como professora de língua francesa. Terminamos esta etapa com um pouco mais de conhecimento sobre o assunto estudado mas com a absoluta certeza de temos muito ainda a pesquisar, de que estamos só no *début*.

---

<sup>43</sup> A história do francês, sempre se inscreveu em relação ao plurilingüismo. O francês ao longo da sua história se enriqueceu com as línguas com as quais esteve em contato.

## REFERÊNCIAS

---

ANDRIEUX-REIX, Nelly. *Ancien Français – Fiches de vocabulaire*. 6<sup>a</sup> ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Vol.2. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BRANCO, Bernardes. *Diccionario Português-Latino*. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria Ferreira, 1897.

BURNEY, Pierre. *L'orthographe / Que sais-je ?* Paris: PUF,1970.

CALLOU, Dinah. e LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de terminos filologicos*. Madrid: Editorial Credos, 1953.

CERQUIGLINI, Bernard. *La naissance du français / Que sais-je ?* Paris: PUF,1993.

CÍCERO. *Epistulae ad Familiares XXI*. apud <http://www.thelatinlibrary.com>

Faraco, C. A. (1991) *Linguística histórica*. São Paulo: Ática.

FARIA, Ernesto.org. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. Paris-Louvain-la-Neuve : Duculot, 1993.

GRIMAL, Henri. e MOREAU, Lucien. *Histoire de France*. Paris: Nathan, 1960.

HACQUARD, Georges. *Florilège du Moyen Age*. Paris: Librairie Hachette, 1949.

HAGÈGE, Claude. *Le Français, histoire d'un combat*. Le livre de poche. Paris: Éditions Michel Hagège, 1996.

\_\_\_\_\_. *Le français et les siècles*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1987.

RAYNAUD DE LAGE, Guy. *Introduction à l'ancien français* 2<sup>a</sup> ed. revista e corrigida por Geneviève Hasenohr, Paris: SEDES, 2000.

HÉSIODE. *Théogonie – Les travaux et les jours – Le bouclier*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: Les belles lettres, 1944.

HILTY, Gerald. Les serments de Strasbourg. In *Melanges de linguistique française et de philology et literature médiévales*, p. 511-524. Paris: Klincksieck, 1973.

HOMERO. *Iliada* (em versos). Trad. Carlos Alberto Nunes. 5<sup>a</sup> ed, Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HUCHON, Mireille. *Histoire de la langue française*. Le Livre de Poche. Paris: Librairie Générale Française, 2002.

MICHAËLIS VASCONCELOS, Carolina de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Martins Fontes, s.d.

PERRET, Michèle. *Introduction à l'histoire de la langue française*. Paris: Armand Colin, 2003.

ROUQUIER, Magali. *Vocabulaire d'ancien français*. Lassay-les Châteaux: Colin, 2005.

RUHLEN, Merritt. *L'origine des langues*. France: Belin, 1997.

TRITTER, Jean-Louis. *Histoire de la langue française*. Paris: Ellipses, 1999.

WAGNER, Robert-Léon. *Textes Littéraires Français*. Textes d'étude (ancien et moyen français). Genève: DROZ, 1995.

WAGNER, R. L. & PINCHON, J. *Grammaire du Français*. Paris: Hachette, 1962.

WALTER, Henriette. *Le Français dans tous les sens*. Paris: Éditions Robert Laffont, S.A., 1988.

\_\_\_\_\_. *L'aventure des mots français venus d'ailleurs*. Paris: Éditions Robert Laffont, S.A., 1997.

WRIGHT, Roger. *La période de transition du latin, de la lingua romana et du français. Médiévales*, 45(2003)Disponível em:< <http://medievales.revues.org/document586.html>>  
Acesso em: 5 junho 2007.

ZINK, Gaston. *Que sais-je? L'ancien français*. 5<sup>a</sup> ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

ZINK, Michel. *Littérature française du Moyen Âge*. 1<sup>a</sup> ed. “Quadrige”. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

< [www.herodote.net/histoire02140.htm](http://www.herodote.net/histoire02140.htm) > Acessado em 04 nov. 2006.

< <http://philologie.historique.net/serments/> > Acessado em 04 nov. 2006.

< <http://www.languefrancaise.net/dossiers/> > Acessado em 05 nov. 2006.

< <http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm> > Acessado em 20 set. 2006.

< <http://jfbra.free.fr/celtes/sixiemes/gaule-avant2> > Acessado em 11 out. 2006.

< <http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/francophonie/francophonie.htm> > Acessado em 07 set. 2006.

< <http://www.agence.francophonie.org> > Acessado em 22 jan. 2007.

< <http://www.espacoacademico.com.br> > Acessado em 22 jan. 2007.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)